



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

PEDRO MIGUEL MANGANA LEAL

**Para uma Igreja que vive no meio da casa dos seus
filhos e filhas**

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor Tiago André Fernandes Freitas

Lisboa
2023

«A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e se adaptar constantemente, continuará a ser a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas» (EG 28).

ÍNDICE

RESUMO.....	4
ABSTRACT	5
SIGLÁRIO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – O MOVIMENTO DE JESUS CRISTO À IGREJA.....	10
1. Um Novo Templo.....	10
2. Da casa como estrutura base das comunidades primitivas à <i>Domus Ecclesiae</i>	11
3. Evolução histórica da paróquia	15
3.1 A Paróquia na reforma tridentina.....	19
3.2 A paróquia no Concílio Vaticano II.....	22
CAPÍTULO II – LUGAR DE ENCONTRO.....	26
1. Paróquia como Lugar	26
1.1 Lugar Antropológico.....	29
1.2 Lugar teológico	33
2. Tempo do cristianismo fragmentado	38
3. Olhar sócio religioso da relação dos cristãos com a paróquia.....	42
3.1 Realidade Paroquial	43
CAPÍTULO III - SERÁ POSSÍVEL UMA RENOVAÇÃO?.....	49
1. Pela Paróquia, uma Igreja renovada.....	49
2. Um caminho para a renovação	52
3. Voltar a Jesus	55
3.1 Conversão ao Deus de Jesus	56
3.2 Nova relação com Jesus	58
3.3 Recuperar o Discipulado e seguidores de Jesus.....	62
3.4 Recuperar uma comunidade de acolhimento integral	63
3.5 Recuperar a esperança em Cristo, O Ressuscitado	68
4. Uma proposta concreta – Pequenos grupos em ambiente doméstico.....	69
4.1 Grupos de Jesus.....	71
BIBLIOGRAFIA	76

RESUMO

Criada logo nos primeiros séculos da vida da Igreja, a paróquia, mesmo que tenha sofrido algumas alterações, tem conseguido resistir ao desgaste do tempo, mantendo-se ainda como uma instituição fundamental na vida da Igreja e continua, para muitos, a principal referência da vida cristã.

Contudo, em muitos casos já não consegue satisfazer, plenamente, aqueles cristãos que desejam viver coerentemente a proposta evangélica e não encontram nela a resposta satisfatória aos desejos de uma maior participação.

Olhando a realidade e crise de igrejas cada vez mais vazias, surge a necessidade de uma renovação, de uma mudança que acompanhe os “novos tempos”, uma reforma que possibilite uma Igreja mais fraternalmente vivida e participada.

Conscientes de que o futuro da Igreja continua a passar pela vitalidade da paróquia, e que só pode crescer quando se torna evangelizada e evangelizadora, propusemo-nos, neste estudo, e segundo uma leitura crítico-teológica de um modelo pastoral exposto pelo Pe. António Pagola, apresentar os *Grupos de Jesus* como possível resposta a uma Igreja mais fecunda, mostrando que a fé tem de se manifestar em gestos concretos, criando “lugares de fé” e à semelhança das comunidades da era apostólica, que concretizam a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, os cristãos experimentem modelos da vida na fé, como oportunidade para um encontro com Deus na vida de hoje.

Palavras-chave: Renovação da Igreja; Mudança; Igreja Doméstica; Pequenos Grupos; Comunidades; Paróquias.

ABSTRACT

Created in the first centuries of the Church's life, the parish, even though it has undergone some changes, has managed to resist the wear and tear of time, still remaining a fundamental institution in the life of the Church, and continues, for many, the main reference point of the Christian life.

However, in many cases it is no longer able to fully satisfy those Christians who wish to live the evangelical proposal coherently and who do not find in it a satisfactory response to their desire for greater participation.

Looking at the reality and crisis of increasingly empty churches, the need arises renewal for a change that follows the “new times”, a reform that makes possible a Church that is more fraternally lived and participated in.

Aware that the future of the Church continues to depend on the vitality of the parish, and that it can only grow when it becomes evangelized and evangelizing, we set out, in this study, following a critical-theological reading of a pastoral model put forward by Fr. António Pagola, to present the *Jesus Groups* as a possible response to a more fruitful Church, showing that faith has to be manifested in concrete gestures, creating “places of faith”, and like the local Churches of the apostolic and post-apostolic era, which implement Second Vatican Council ecclesiology of communion, Christians experience models of life in faith as an opportunity for an encounter with God in today's life.

Keywords: Church Renewal; Change; Domestic Church; Small Groups; Communities; Parishes.

SIGLÁRIO

- AG Concílio Ecuménico Vaticano II, Decreto sobre a atividade missionário da Igreja *Ad Gentes* (7 de dezembro de 1965).
- AA Paulo VI, *Decreto Apostolicam Actuositatem* (18 de setembro de 1965).
- CIC *Código de Direito Canónico* (25 de janeiro de 1983).
- CL João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici* (30 de dezembro de 1988).
- DCE Bento XVI, Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005).
- EG Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013).
- FC João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (22 de novembro 1981).
- LF Francisco, Carta Encíclica *Lumen Fidei* (22 de junho de 2013).
- LS Francisco, Carta Encíclica *Laudato Si* (24 de maio de 2015).
- LG Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (19 de novembro de 1964).
- NMI João Paulo II, Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (06 de janeiro de 2001).

INTRODUÇÃO

No âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Teologia, e refletindo sobre a atualidade da Igreja, na presente dissertação, iremo-nos debruçar sobre a tão debatida renovação da Igreja, muito sonhada pelo Papa Francisco.

Esta temática da renovação da Igreja tem sido uma questão transversal a vários pontificados, neste em particular, sobretudo, porque vivemos contextos de uma baixa prática religiosa, onde vemos Igrejas a ficarem cada vez mais vazias, e em que novas formas de crer e pertencer são mais notórias. Não obstante a uma possível crise de fé, muitos dos católicos ainda reconhecem na paróquia um lugar onde professam a sua fé e procuram ser verdadeiros seguidores de Cristo.

Criada logo nos primeiros séculos da vida da Igreja, a paróquia mesmo que tenha sofrido algumas alterações, tem conseguido resistir ao desgaste do tempo, mantendo-se ainda como uma instituição fundamental na vida da Igreja, sendo para muitos a principal referência da vida cristã.

Vivemos numa cultura marcada por transformações aceleradas que desafiam o ser humano e até mesmo o sentido da fé, surgem novas formas de organizar a vida cotidiana e a sociedade, novos conceitos que libertam a criatividade e a imaginação, e a paróquia «que chegou a ser uma instituição de base da Igreja, e até mesmo da sociedade, está a ser posta em causa».¹

Apesar de haver muitos cristãos que já não se identificam com a paróquia, para outros, ainda, é deste espaço que se socorrem em muitos momentos das suas vidas, é lá que encontram algum apoio solidário e estabelecem algumas relações interpessoais. Ao mesmo tempo, é à paróquia que recorrem principalmente para a iniciação cristã, onde se destaca o sacramento do Batismo, da Eucaristia, a catequese para a infância e posteriormente para o sacramento do matrimónio e funerais, uma vez que as paróquias ainda «representam, de algum modo, a Igreja visível estabelecida em todo o mundo», (SC 42) respondendo a pedidos e necessidades dos fiéis praticantes e contribui para a solidariedade dos habitantes locais, o que nos mostra que esta ainda continua a ocupar, nos nossos dias, uma atualidade que se tem verificado no âmbito da teologia pastoral.

Vivemos tempos complicados, difíceis, em que a Covid-19 fez com que as portas das igrejas fossem fechadas. Com a pandemia as pessoas abandonaram a prática do ritual social de ir à missa no domingo. Ao serem reabertas as igrejas, muitos dos fiéis já não voltaram. Tal

¹ Corti Renato e Enzo Bianchi. *A Paróquia* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2006),

como abrir as portas e esperar que os fiéis voltem é uma estratégia que já há algum tempo tem falhado; abrir a igreja e esperar não é suficiente. Na cultura dos dias de hoje é preciso mais! Muito mais!

A Igreja necessita de uma mudança, de uma renovação, que acompanhe os “novos tempos”, que vá ao encontro. Uma reforma que possibilite “a saída”, uma saída de si mesma para ir ao encontro do social, do cultural e do religioso, diz-nos o Papa Francisco.

A proposta do Sumo Pontífice é a de uma “Igreja em saída missionária” (EG 17), de superar os obstáculos que incapacitam a sua missão de anunciar o Evangelho a esta sociedade hodierna. E esta missão começa nas paróquias, uma vez que

a paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e se adaptar constantemente, continuará a ser a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas. (EG 28)

Conscientes de que o futuro da Igreja continua a passar pela vitalidade da paróquia, e que só pode crescer quando se torna evangelizada e evangelizadora, propusemo-nos, nesta dissertação, perceber se e como será possível que, pela paróquia, possa haver uma renovação da Igreja.

Assim, achamos pertinente levar o leitor numa viagem. Logo no primeiro capítulo, transportá-lo até às primeiras comunidades e mergulhar no movimento que vai de Jesus à Igreja. Perceber que o “lugar de Deus”, desde a Sua encarnação, coincide com a comunidade reunida, uma vez que «onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20).

Continuamos com a viagem fazendo uma breve evolução histórica da paróquia, levando o leitor a perceber que esta serviu para adaptar a ação pastoral da comunidade primitiva e com o decorrer do tempo, se converteu numa instituição hierárquica e como chegou até aos nossos dias.

Já no segundo capítulo, ao abordarmos o avassalador processo de globalização, sentido e acelerado a cada dia, o leitor irá conseguir sintetizar a diferença entre “lugar” e “não lugar”. Perceber que a paróquia, ainda que seja um lugar identitário, no qual cada um se insere, habita e tem experiências de encontro e relação (lugar antropológico), um lugar onde Deus se faz presente, que gera vida (lugar teológico) poder-se-á tornar num lugar de passagem, sem identidade, lugar de anonimato, ou seja “não lugar”.

A concluir este capítulo e como forma de introdução do seguinte, o leitor perceberá que vivemos num período em que o Cristianismo se encontra fragmentado, onde cada vez mais existem cristãos indiferentes e vivem uma “religiosidade de supermercado”. Com este olhar sócio religioso da relação dos cristãos com a paróquia, analisaremos a realidade atual da Igreja.

Desta forma, o leitor, imbuído na temática, perceberá que a paróquia já não é mais a “fonte” de que nos falava o papa João XXIII, e connosco perguntará: será possível uma renovação?

É, desta forma que entramos no terceiro capítulo onde, muito baseados na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco e com a ajuda de José António Pagola, numa leitura teológica, apresentamos uma possível solução para a renovação da Igreja. Tanto o Sumo pontífice como o autor do livro “Recuperar o Projeto de Jesus” são perentórios em afirmar que não basta uma “pastoral de manutenção”, teremos que “despir as roupas que já não nos servem”, abandonar o comodismo pastoral. Necessitamos não de um projeto perfeito, mas de voltar a Jesus, recuperar o discipulado, ser e fazer seguidores de Jesus. Mas, para isso, é necessário fazer de Jesus a nossa referência, convertermo-nos a Ele, encontrá-l’O nos mais vulneráveis, ter o Evangelho como pano de fundo e aí sim, conseguiremos uma comunidade viva, acolhedora, hospitaleira e envolvida num «processo constante de aprendizagem de e sobre Jesus, o Mestre e Professor»².

Como corolário deste percurso, pretendemos apontar caminhos para uma Igreja mais fraternalmente vivida e participada, mostrando que a fé tem de se manifestar em gestos concretos, criar “lugares de fé” à semelhança das Igrejas locais da era apostólica e pós apostólica, que concretizam a eclesiologia de comunhão do Concílio Vaticano II, e onde os cristãos experimentem modelos da vida na fé como oportunidade para a vida de hoje.

²James Mallon. *Renovação Divina*, 2a (Lisboa: Paulus Editora, 2019), 18.

CAPÍTULO I – O MOVIMENTO DE JESUS CRISTO À IGREJA

1. Um Novo Templo

A passagem do Antigo para o Novo Testamento³ caracteriza-se por uma continuidade, mas, ao mesmo tempo, por uma ruptura no que concerne ao culto. Jesus observa as práticas culturais do seu povo, contudo «é fiel à linha dos profetas que exigem primazia do espírito sobre o rito»⁴, Cristo inaugura um novo culto, «em espírito e verdade» (Jo 4, 24). O culto cristão é novo, constitui a Humanidade que vive em Cristo.

Tendo como referência a carta aos Hebreus, observamos que a Cristo tudo se aplica e é Ele que supera a instituição cultural do Antigo Testamento. «Cristo, porém, veio como sumo sacerdote dos bens futuros» (Heb. 8, 11), que para além de ser o templo e o eterno sumo sacerdote, é o «litúrgico»⁵ por excelência dos Cristãos.

São João, no seu Evangelho, ao dizer-nos que Jesus destrói o templo e em três dias o edificará (cf. Jo 2, 19), anuncia-nos a superação da crítica profética ao formalismo cultural e um novo estatuto de culto. É anulado o antigo e inaugurado o novo culto. Todos sacrifícios e holocaustos passam a não ter sentido, uma vez que aquilo que louva o Senhor é a interioridade do ser humano, a sua oferta na generosidade do coração.

A Palavra é o elemento central deste novo culto: o culto em forma de Palavra, como diz São Paulo (cf. Rom. 12,1). Assim, depois da Páscoa, os cristãos já não têm mais templo além do Corpo glorificado de Jesus, uma vez que temos a Cristo como «pedra angular» (At. 4, 11). É também S. Paulo que nos lembra um Deus que prefere morar na nossa carne, um Deus que «criou o mundo e tudo quanto nele se encontra, Ele, que é o Senhor do Céu e da Terra, não habita em santuários construídos pela mão do homem» (At. 17, 24). Assim, neste novo templo todos são chamados «à edificação mútua» (Rm. 14, 19).

Ainda que a Igreja apostólica tenha nascido na esteira do judaísmo, a primeira comunidade cristã torna-se cada vez mais consciente da novidade da experiência cristã. Não negando as suas raízes judaicas, mas sem vinculação com elas, a Igreja apostólica gerou novas formas culturais.

Percorrendo o Novo Testamento, quando nos fala da celebração litúrgica ou da comunidade, habitualmente utiliza o verbo *reunir*⁶, em que este «reunir-se junto dos fiéis é o

³ Ao longo de todos este trabalho, utilizaremos como referência, a tradução da Bíblia dos Capuchinhos, editada pela Difusora Bíblica.

⁴ Matias Augé. *Liturgia. História, celebração, teologia, espiritualidade* (Prior Velho: Paulinas, 2005), 19.

⁵ Augé, 20.

⁶ Cf. Mt. 18, 20; 1 Cor 11, 17.20.33-34; 14, 23.26; At 431; 20,7-8; Heb 10,25; Tg 2,2.

elemento significativo do serviço litúrgico cristão»⁷. É desta forma que nos primeiros tempos do cristianismo as comunidades cristãs se organizavam ao redor da casa, começando estas reuniões particulares a adquirir bastante importância⁸. É, também, numa casa que Jesus se reúne com os seus discípulos para com eles celebrar a Páscoa. Marcos ilustra-o, quando Jesus diz aos seus discípulos:

Ide à cidade e virá ao vosso encontro um homem trazendo um cântaro de água. Segui-o, e, onde ele entrar, dizei ao dono da casa: O Mestre manda dizer: ‘Onde está a sala em que hei-de comer a Páscoa com os meus discípulos?’ Há-de mostrar-vos uma grande sala no andar de cima, mobilada e toda pronta. Fazei aí os preparativos (Mc. 14, 13-15).

É nas casas particulares que, segundo os Atos dos Apóstolos, os primeiros cristãos se reúnem, partem o pão, tomam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus (cf. At. 2,26). Ainda que tenham continuado a frequentar o templo, é no ambiente hospitaleiro da casa, da família, na casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos, que se recolhem em oração (cf. Atos 12,12).

2. Da casa como estrutura base das comunidades primitivas à *Domus Ecclesiae*

Para nos podermos debruçar sobre o conceito de paróquia e a sua estrutura, é de todo importante recorrermos às primeiras comunidades, mergulhar no movimento que vai de Jesus à Igreja.

Recorrendo a categorias sociológicas, a casa⁹ é a estrutura básica da sociedade em que o cristianismo nasceu e se desenvolveu¹⁰ e a podemos designar como «um lugar ou espaço, como um grupo humano que com ele se identifica».¹¹ Numa leitura atenta aos Atos dos Apóstolos, Lucas apresenta-nos uma visão de uma comunidade idílica,¹² a comunidade de Jerusalém, onde os Apóstolos, com algumas mulheres, entre elas Maria a Mãe de Jesus e os irmãos se reúnem em oração no piso superior de uma casa (LC 1, 12-14).

Esta comunidade pode ser identificada, logo após a Ascensão, aquando da reunião dos discípulos para orar. Ao mesmo tempo que descreve a vida da comunidade, são colocados em

⁷ Augé, 27.

⁸ Cf. Augé, 27

⁹ Em hebraico *bayit* é um edifício ou habitação, que também se pode referir à família do pai, dos parentes ou a tudo o que compreende a casa incluindo os escravos e gado. Os LXX traduzem *bayit* de maneira indistinta por *oikos* e *oikia* fazendo desaparecer praticamente a distinção primitiva entre ambas as palavras (Rafael Aguirre, *Del movimiento de Jesus à la Iglesia cristiana*. Ensayo de exésis sociológica del cristianismo primitivo (Bilbao: Deselee de Brouwer, 1987), 67.

¹⁰Cf. Aguirre, 65.

¹¹ Aguirre, 66.

¹² Irina Sventsitskادا, *Os primeiros Cristãos. Páginas de História* (Lisboa: Editorial caminho, Sa, 1989), 102.

evidência a sua unidade («viviam unidos e possuíam tudo em comum» (At. 2, 44)), os seus elementos característicos e a fração do pão (*kat'oikon*) (At. 2,42). Esta expressão grega pode traduzir-se por “em casa” ou “pelas casas”, em que esta última nos parecerá mais plausível, uma vez que nos é apresentada uma comunidade numerosa e não se reuniam no mesmo lugar¹³.

O lugar de Deus¹⁴, desde a Sua encarnação, coincide com a comunidade reunida, uma vez que «onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20). Inicialmente, o lugar onde aconteceram estas reuniões das primeiras comunidades cristãs foram as casas, e o principal núcleo das igrejas domésticas era a casa de família, onde permitia aos cristãos consciência da sua identidade e da sua diferença com o judaísmo.¹⁵ Com estas reuniões o cristianismo começou a afirmar-se «socialmente num espaço não sagrado, mas da vida cotidiana, em pequenas comunidades»,¹⁶ em casas particulares pertencentes a correligionários seus,¹⁷ em que aqui, nestas igrejas domésticas, «participava gente muito diversa de situação e classe social»¹⁸ e a eles prestavam ajuda¹⁹.

Estas comunidades, nomeadamente a de Jerusalém, autodenominam-se “*ecclesia de Deus*” (1 Cor 15,9; Gál 1,213). Na nossa linguagem cristã, não será surpreendente que o termo *ecclesia* mantenha uma constante circularidade semântica, em que o seu significado possa ser “assembleia dos convocados, “edifício que os acolhe” ou até mesmo os dois em simultâneo.²⁰ Do grego, “*ecclesia*” significa a reunião pública ou a assembleia nacional da comunidade política; aqui entende-se como o verdadeiro povo de Deus que se distancia de toda a profanação e impureza²¹. Este termo, como nos refere Lamelas, é usado para indicar a comunidade cristã, distinta da Sinagoga, em reunião e o lugar ou edifício da reunião.²²

O cristianismo, como podemos observar, aparece assim relacionado com a casa, e Paulo pretende fazer das casas cristãs a base das comunidades, ou seja, de igrejas domésticas, em que, com a conversão do *paterfamilias*, todos os outros membros da casa se convertiam:

¹³ Cf. Aguirre, *Del movimiento de Jesus à la Iglesia cristiana*. 69.

¹⁴ Isidro Pereira Lamelas, *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos. Fontes literárias dos primeiros quatro séculos* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021), 19.

¹⁵ Cf. Aguirre, *Del movimiento de Jesus à la Iglesia cristiana*. 83.

¹⁶ Aguirre, 83

¹⁷ Irina Svetsitskادا, *Os primeiros Cristãos. Páginas de História*, 100.

¹⁸ Aguirre, *Del movimiento de Jesus à la Iglesia cristiana*. 84

¹⁹ Svetsitskادا, *Os primeiros Cristãos. Páginas de História*, 100.

²⁰ Cf. Lamelas, *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos*, 21.

²¹ Cf. Gerhard Lohfink, *La Iglesia que Jesus queria. Dimensión comunitária de la fe cristiana* (Bilbao: Desclee de Brouwer, 1986), 87.

²² Cf. Lamelas, *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos*, 21.

mulher, filhos, parentes, dependentes²³, e, contudo, «não se trata de um mero culto doméstico»²⁴, mas têm um “horizonte universal»²⁵. Assim,

os primeiros cristãos foram, na senda de Jesus, abandonando o templo material, tal como a sinagoga, e, desde o início do séc. II, que deixaram definitivamente de partilhar os espaços de culto judaicos. Nessa altura, é bem provável que, para além das casas privadas usadas para o culto, algumas comunidades já mobilizassem meios para adaptação de casas destinadas exclusivamente ao culto. Esses locais ficaram conhecidos como *domus ecclesiae* (casa da Igreja) ou igrejas domésticas²⁶.

Era nestas casas privadas, de diferentes cristãos, que se reuniam (Cf. Lc 24,33; At 1,13-14;2,2; 12;12-13; Rm 16,23) e celebravam, no primeiro dia da semana, a “fração do pão” (Cf. At 2,46). Ao longo de todo o texto dos Atos dos Apóstolos, são várias as vezes que nos aparece a expressão “a igreja que se reúne na casa de”, expressão esta que é habitualmente usada para «designar uma comunidade local, associada a uma determinada “casa” ou família, onde os cristãos se encontram para o culto”.²⁷ Nestes primeiros tempos do cristianismo, estas casas foram colocadas ao serviço das pequenas comunidades, sofrendo algumas delas «pequenas alterações para abrigar os rituais»²⁸, e, à medida que as comunidades cresciam, «os cristãos começaram a remodelar seus lares para acomodar os números crescentes»²⁹.

Neste sentido, a *Domus Ecclesiae* indica a “Igreja doméstica”, todavia sem confundir a alusão a uma determinada família (*domus familiae*) ou comunidade cristã reunida “nas casas” e por isso vista como um lugar semipúblico de referência e sinal da unidade da Igreja local e universal. Assim sendo, a reunião celebrativa “nas casas” atualiza concretamente a dimensão, ao mesmo tempo, local e universal da Igreja enquanto tal, cuja participação eclesial do cristão batizado mantém presente, de forma concomitante, a dimensão doméstica (*fraternitas*) e a dimensão local do povo de Deus.

Quanto aos elementos que constituem a *domus ecclesiae*, temos: um espaço fixo e assíduo de oração, celebração e escuta da palavra; de encontro e participação nos sacramentos (Batismo e Eucaristia); de fraternidade e exercício da hospitalidade; de caridade (ágape); um local de pregação e catequese; e ainda, um ponto de referência da evangelização e edificação da Igreja.

²³ Cf. Aguirre, *Del movimiento de Jesus à la Iglesia cristiana*. 88.

²⁴ Aguirre, 87.

²⁵ Aguirre 87.

²⁶ Lamelas, *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos*, 23.

²⁷ Lamelas, 24.

²⁸ J. B. Cavalcanti, *Mulheres nos cristianismos Paulinos* (Rio de Janeiro: Kliné, 2021), 18.

²⁹ F. Viola e G. Barn, *Cristianismo pagão: origens e práticas da nossa igreja moderna* (2005), 47.

A tradição de celebrar a liturgia “nas casas” perdurou no século II, onde aos poucos se tornaram verdadeiras igrejas que mantiveram a estrutura e arquitetura doméstica. «Numa casa grande não existem somente vasos de ouro e prata, mas também há os que são de madeira e barro» (2Tm 2,20) diz-nos Timóteo na segunda carta, fazendo assim referência à “grande casa” para designar a igreja habitada por bons e maus cristãos. Evolução esta que teria sido consumada entre o século II e III, cujo mais antigo testemunho literário de uma *casa-Igreja* pode ser lido nos atos que narram o martírio dos mártires de Cirte (Numídia) decorrido no dia 10 de maio de 303. Daí ser possível identificar o despertar embrionário de uma arquitetura cristã.³⁰

A nível arqueológico, um dos descobrimentos mais significativos foi na moderna Síria, onde encontraram uma *Dura Europos*. «Esta casa constitui o mais antigo registo de uma igreja caseira de que se tem notícia. Foi um desprezioso local privado adequado para acomodar cristãos em suas reuniões por volta do ano 232 d.C.»³¹. A *Dura Europos* mostra-nos o que terá sido o *modus operandi* nos dois primeiros séculos do cristianismo. Quando o livro dos Atos dos Apóstolos nos fala da “sala de cima”, “grande”, leva-nos a crer que sejam estas *Dura Europos*. A «adaptação das casas particulares sem alterar substancialmente o espaço interior»³², consistiu em se ter «suprimido a parede entre dois quartos para criar uma grande sala»³³ e assim acomodar assembleias maiores.

Com o crescimento numérico das comunidades, que dificultava a celebração cristã em casas particulares, surgiram, a partir da 2ª metade do século III, recintos próprios, com uma forma diferente da que se usava para as moradias.

O século IV veio alterar um pouco toda esta configuração. Em 324 Constantino tornou-se Imperador de todo Império Romano e, numa tentativa de promover a sua popularidade, começou a ordenar a construção de edifícios de igreja. Uma vez que se os cristãos, à semelhança dos judeus e pagãos, tivessem os seus próprios edifícios sagrados, a fé cristã seria legitimada no Império.³⁴ Desta forma, com Constantino, «passa-se do *facto* celebrativo ao *lugar* da celebração».³⁵

³⁰ Cf. Lamelas, *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos*, 25-32.

³¹ Viola, *Cristianismo pagão: origens e práticas da nossa igreja moderna*, 47.

³² Lamelas, *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos*, 29.

³³ Viola, *Cristianismo pagão: origens e práticas da nossa igreja moderna*, 47.

³⁴ Cf. Viola, 49-51.

³⁵ Lamelas, *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos*, 9.

3. Evolução histórica da paróquia

Para Floristán a paróquia serviu para adaptar a ação pastoral da comunidade primitiva e, com o decorrer do tempo, converteu-se numa instituição hierárquica³⁶. A palavra “paróquia” deriva do latim *parochia* ou do grego *paroikia*, que significa “vizinhança” ou “residência comum” e assim, desta forma, formam a *paroikia* os que “vivem juntos” ou “habitam no mesmo lugar”³⁷. No que concerne ao grego bíblico da tradução dos LXX, “o termo *parokei/w* equivale a ser estrangeiro ou emigrante, peregrinar ou viver como forasteiro num país com uma certa garantia por parte da comunidade”³⁸. Ancorados a este sentido bíblico, poderemos afirmar que a Igreja é *paroikia*, ou seja, uma comunidade de crentes que se consideram estrangeiros, (“portanto, já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus” (Ef. 2.19)), de passagem (“comportai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação” (1Pe 1,17)), emigrantes, (“caríssimos, rogo-vos que, como estrangeiros e peregrinos, vos abstenhais dos desejos carnaís, que combatem contra a alma” (1Pe 2,11)), ou peregrinos (“foi na fé que todos morrerem, sem terem obtido os bens prometidos, mas tendo-os somente visto e saudado de longe, confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra” (Heb. 11,13)). No fundo, «paroikia tem um duplo significado: peregrinar e viver em vizinhança»³⁹.

O espírito missionário era claramente perceptível no cristianismo primitivo⁴⁰, bem como a carência dos discípulos serem «alimentados com a palavra e por uma vida sacramental comunitária que lhes fortaleça o dia a dia da vivência segundo as exigentes normas evangélicas e apelo à santidade»⁴¹. Houve, por parte dos Apóstolos, a necessidade de uma «estrutura com governo específico, local e territorial»⁴². Nos finais do séc. I, logo após a «afirmação e consolidação progressiva do episcopado monárquico, não há hipóteses de haver uma comunidade cristã, ainda que pequena, se não for congregada, dirigida e governada pelo bispo»⁴³. Nos dois séculos seguintes, a paróquia era praticamente aquilo que «hoje chamamos diocese, onde os presbíteros exerciam colegialmente o seu ministério junto do bispo»⁴⁴. Ainda

³⁶ Cf. Casiano Floristán, *Para compreender: A Paróquia* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995), 11.

³⁷ Cf. José San José Prisco, *Derecho Paroquial. Guia canónica y pastoral* (Salamanca: Sígueme, 2008), 31.

³⁸ José Manuel Fernandes, *Origem e história da paróquia*, (cadernos ISTA, Instituto São Tomás de Aquino, n.º 34, 2017, Ano XXII), 5.

³⁹ Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 11.

⁴⁰ Ao olharmos, entre outros, os textos Mc 16, 15; At 1, 4-11; 1Cor 9,16, vemos qual a missão universal dos Apóstolos.

⁴¹ Manuel Lourenço, *A paróquia: perspectiva histórico jurídica*, (in a paróquia comunidade de fiéis – atas da XI jornadas de direito canónico, Lisboa, 2003), 30.

⁴² Roger Matheus dos Santos, *Evolução histórica da paróquia sob a ótica do Pároco*, (in Teologia em Questão, 1ª série, 31, 2017). 75.

⁴³ Vincenzo BO, *La parroquia, pasado y futuro. Analisis de una situacion y líneas de solucion* (Madrid: Paulinas, 1978), 14.

⁴⁴ Floristán, *Para compreender: A Paróquia*, 12.

que cada uma das comunidades tivesse a sua autonomia litúrgica e disciplinar, era o bispo com o seu presbitério ou equipa sacerdotal que tinha a responsabilidade total, uma vez que a figura do bispo era fundamental não só a nível religioso como a nível civil, e para o povo era mais fácil apelar ao bispo do que para o imperador. É com o edito do imperador Constantino, em 313, que se «reconhece o cristianismo como *religio licita* existente no território imperial, e ainda mais com o decreto de Teodósio, em 380, proclamando a fé católica como oficial do império romano, que as comunidades cristãs se expandem vertiginosamente»⁴⁵, o que levou a que à organização colegial e pessoal dos inícios se juntasse uma organização territorial.

Toda a organização eclesiástica, que tinha perdurado nestes primeiros séculos, já não conseguia dar resposta ao cristianismo que crescia e se estendeu rapidamente às pequenas cidades⁴⁶. A Igreja, ao gozar do direito de se organizar não só interna como externamente, e com a formalização da divisão territorial dos fiéis, vai assimilando nomenclatura imperial também no seu governo eclesial, surgindo as dioceses, que, por sua vez, eram divididas em paróquias (duas realidades que até então se equiparavam)⁴⁷.

Na verdade, toda esta transformação das comunidades territoriais não aconteceu repentinamente, surge «quando o presbítero assume o encargo pastoral de uma parte do território da cidade»⁴⁸, uma vez que a necessidade de pensar o cuidado pastoral dos cristãos que viviam mais afastados do centro episcopal foi sendo objeto da reflexão eclesial. Assim, a paróquia, com o sentido que depois veio a adquirir, começou a aparecer com a primeira ruralização do cristianismo, despontando no século IV e desenvolvendo-se ao longo do século V, com a chegada do cristianismo aos *pagi*, *vici* ou mesmo *villae*⁴⁹.

Estas paróquias rurais estavam estritamente ligadas ao bispo, não tinham fronteiras bem definidas, continuando, este, como responsável pelas comunidades mais ou menos distantes da cidade episcopal, mesmo se no local a ação pastoral estava confiada a um presbítero⁵⁰. Estes centros rurais asseguravam a liturgia dominical, a catequese, os escrutínios batismais, bem como o próprio batismo, ou seja, as reuniões comunitárias cristãs surgiram por necessidades pastorais⁵¹.

Devido à crescente e rápida multiplicação dos cristãos, ao progressivo declínio populacional nas cidades e a uma conseqüente expansão do cristianismo nas zonas rurais, as

⁴⁵ Santos, *Evolução histórica da paróquia sob a ótica do Pároco*, 80.

⁴⁶ Cf. Santos, 80.

⁴⁷ Cf. Santos, 82.

⁴⁸ Casiano Floristán, *Teologia Practica, Teoria y Praxis de la accion pastoral* (Salamanca: Sigueme, 1993), 598.

⁴⁹ Adelino Fernando Abreu, *A paróquia na história Elementos para uma visão de conjunto* (in *Humanística e Teologia*. 39, 2018), 234.

⁵⁰ Cf. Abreu, 234.

⁵¹ Floristán. *Para compreender: A paróquia*, 13.

paróquias rurais vão-se desenvolvendo cada vez mais e alcançando uma certa autonomia em relação ao governo episcopal, tendo, as mesmas, permissão para a administração do batismo, já que o objetivo primordial era «facilitar os fiéis à liturgia e aos sacramentos»⁵². Aqui, para além da administração do batismo, os «clérigos que atendiam tais igrejas também exerciam as demais formas de cura de almas: presidência eucarística, pregação da palavra de Deus, atendimento de penitentes e moribundos, celebração de exéquias, matrimónios, etc»⁵³.

Com o crescimento numérico das comunidades era cada vez mais difícil a celebração cristã nas casas⁵⁴, então, sobretudo nas grandes cidades, as basílicas substituíram os locais domésticos de reunião⁵⁵ em que o «o templo era o lugar de reunião da grande assembleia, cada vez mais massiva, acabando por transformar-se num lugar sagrado, cujo centro seria o sacrário»⁵⁶.

Outro fator, não menos importante, que levou à autonomia das comunidades paroquiais rurais, prende-se com o fato de os respectivos párocos serem escolhidos entre aqueles que viviam e pertenciam à própria comunidade. Assim, o «“pároco” não era um estranho designado para ali exercer seu ministério, mas de certa forma, coproprietário e vinculado estreitamente à comunidade local»⁵⁷.

É perceptível, desta forma, que comece a haver alguma estabilidade quer para o ofício de pároco, quer para a estrutura paróquia, que se tornava um centro de unidade religiosa e civil⁵⁸. A pertença à Igreja já não é uma decisão livre e pessoal, que nascia graças à ação missionária e do catecumenato, mas fruto do nascimento natural. «O fiel nascia, era batizado, crescia e era instruído, casava - e em tantos casos era ordenado para o serviço daquela comunidade - recebia o viático e era sepultado com o cristão»⁵⁹. Da mesma forma que se nascia numa família ou país, também se nascia na Igreja, passando de um modelo fraternal de comunidade cristã para o protótipo de aglomerado social, onde já não se distinguia o civil do cristão⁶⁰.

Segundo Casiano Floristán, o conceito de territorialidade deve-se à nova ideia de circunscrição eclesiástica e civil, onde os templos, cada vez mais amplos para poderem dar resposta a uma pastoral de massas, «fomentaram a oratória sagrada, a ritualização solene, a

⁵² Prisco, *Derecho Parroquial*, 31-32.

⁵³ Santos, *Evolução histórica da paróquia sob a ótica do Pároco*, 82.

⁵⁴ Lamelas, *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos*, 31.

⁵⁵ Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 9.

⁵⁶ Floristán. *Para compreende a paróquia*, 13.

⁵⁷ Santos, *Evolução histórica da paróquia sob a ótica do Pároco*, 82-83.

⁵⁸ Cf. Santos, 83.

⁵⁹ Santos, 83.

⁶⁰ Cf. Floristán, *Para compreender a paróquia*, 13.

sacramentalização da ação profética (...) e a deterioração das relações interpessoais dentro da paróquia»⁶¹. Segundo o concílio de Elvira, no séc. IV existiam na Península Ibérica paróquias rurais, que eram lugares de culto dependentes da igreja episcopal principal. Do século V ao século VI criaram-se na Península Ibérica e em França muitas igrejas rurais denominadas *Parochiae* que tinham um único sacerdote, mas era dever dos bispos visitar as paróquias e os párocos estavam obrigados a pregar e batizar, visitar os doentes, fazer funerais e administrar privadamente a penitência. A reforma carolíngia dos séc. VIII e IX, continua Floristán, pretendeu colocar as paróquias sob jurisdição do bispo. O sistema paroquial adquiriu benefícios a partir desta data, a paróquia era o *conventus legitimus* da população totalmente batizada. Por força das reformas de Carlos Magno, que divide o seu império em dioceses e paróquias, dá-se na igreja uma mudança para o territorial, obrigando à residência dos bispos e presbíteros. Com o elevado crescimento da população, no séc. IX, foram erigidas muitas paróquias, sendo a tarefa principal do pároco administrar o benefício e atender a *cura animarum* sacramentalizada. Os fiéis, por sua vez, não ficavam ligados a uma comunidade livremente escolhida, mas a um pároco. A partir do século X passou a usar-se amplamente o termo paróquia ou *ecclesia parochialis* e os habitantes desse território denominados paroquianos. Por sua vez, com o declínio do espírito cristão, foram impostas aos fiéis um determinado número de obrigações, que se prendiam com o cumprimento do preceito dominical e pascal, pagamento do dízimo e das primícias, batismo “*quam primu.m*”, funerais em terra sagrada, mandamentos da Igreja e recusa de heresias relacionadas com bruxaria, magia e feitiçaria⁶².

No que concerne à Idade Média, as paróquias necessitavam, em geral, de uma profunda reforma⁶³. «A evolução da vida paroquial já não se fazia ao ritmo da propagação geográfica das paróquias ou da delimitação das suas fronteiras, mas sobretudo das rendas anexas ao benefício e do (in)cumprimento da missão pastoral»⁶⁴. Com o crescimento do número de clérigos «era impossível encontrar sustento para todos os eclesiásticos no âmbito do próprio sistema benéfico, tornando-se comum a dedicação a atividades mundanas, que os cânones iam tratando de conter»⁶⁵, surgindo assim problemas que iriam ferir o perfil dos mesmos. A reforma do clero era, desta forma, a grande preocupação na altura, uma vez que as dioceses já haviam sido governadas por bispos zelosos. Assim, com a reforma gregoriana, o

⁶¹ Floristán, 14.

⁶² Cf. Floristán, *Para compreender a paróquia*, 13-15.

⁶³ Floristán, 15.

⁶⁴ Abreu, *A paróquia na história Elementos para uma visão de conjunto*, 243.

⁶⁵ Abreu, 243.

florescimento das ordens religiosas e o fim da luta das investiduras⁶⁶, «a paróquia pôde testemunhar e dinamizar uma retoma da vida espiritual dos fiéis, nomeadamente no que respeita à prática sacramental»⁶⁷.

3.1 A Paróquia na reforma tridentina

O concílio de Trento foi um marco na história da Igreja e na evolução da história da paróquia. Numa época em que a fé cristã estava em decadência, também a paróquia «deixara de ser coerente com a sua intuição originária»⁶⁸ e necessitava, em geral, de uma profunda reforma⁶⁹. Na sessão XXIV em 1563, pelo decreto *De reformatione*,⁷⁰ o concílio de Trento «validou o estatuto jurídico da paróquia considerada como órgão principal da pastoral»⁷¹, nele se estabeleceu que cada *populus* «constituísse uma paróquia e que tivesse o seu próprio

⁶⁶ Cf. Abreu, 243.

⁶⁷ Abreu, 243.

⁶⁸ Corti Renato e Enzo Bianchi, *A Paróquia* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2006),21.

⁶⁹ Cf. Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 12.

⁷⁰ Sessão XXIV de 11 de novembro de 1563 do concílio de Trento Cap. XIII – Como se hão de socorrer as catedrais e paróquias muito pobres. Tenham as paróquias limites fixos. “As paróquias devem ter limites prefixados. Como a maior parte das igrejas catedrais são tão pobres e de tão baixa renda que não correspondem de modo algum à dignidade episcopal, nem são suficientes à necessidade das igrejas, que o concílio provincial examine e faça averiguações com minúcias, chamando as pessoas a quem isto toca, para que essas igrejas sejam unidas a outras vizinhas, por sua pequenez e pobreza, ou então que seja feita alguma coisa para aumentar suas rendas, e que sejam enviados informes sobre esses pontos ao Sumo Pontífice Romano para que tomando conhecimento deles, sua Santidade, unifique, segundo sua prudência, e segundo julgar conveniente, as igrejas pobres entre si ou as provenha com aumentos de rendimentos. Mas até que surtam efeitos essas providências, poderá remediar o sumo Pontífice a esses Bispos, que pela pobreza de suas dioceses necessitam de socorro, com os frutos de alguns benefícios, de modo que estes não pertençam a nenhum dos privilégios clericais, nos quais estejam em vigor a observância regular, ou estejam sujeitos a capítulos gerais e a determinados Visitadores.

Do mesmo modo, nas igrejas paroquiais, cujos frutos não sejam suficientes de modo a não poderem cobrir as cargas de obrigação, cuidará o Bispo, se não puder fazer a união de benefícios que não sejam regulares, de que lhes sejam aplicadas por concessão das primícias ou dizimos, ou por contribuição, ou por coletas dos fiéis, ou pelo modo que lhe parecer mais conveniente, aquela porção que decentemente baste à necessidade do cura e da paróquia.

Em todas as unificações que forem feitas pelas causas mencionadas ou por outras, não devem ser unidas igrejas paroquiais a mosteiros quaisquer que sejam, nem a abadias ou dignidades, ou prendas de igreja catedral ou colegiados, nem a outros benefícios simples ou hospitalares, nem a milícias. E as que assim estiverem unidas, deverão ser novamente examinadas pelos Ordinários, segundo decretos anteriores deste mesmo Concílio, no tempo de Paulo III, de feliz memória, devendo também ser observado o mesmo a respeito de todas as que tenham se unido depois daquele tempo, sem que haja qualquer oposição a isto, por nenhuma fórmula de palavras que haverão de ser expressas suficientemente para sua revogação neste decreto. Além disso, não de agrave de ora em diante, com quaisquer pensões ou reservas de frutos, a nenhuma das igrejas catedrais, cujas rendas não excedam à soma de mil ducados, nem às paroquiais que não superem a cem ducados segundo seu efetivo anual.

Nas cidades e também nos lugares onde as paróquias não tenham seus limites definidos, nem seus cura tenham um povo particular a que governar, mas que promiscuamente administram os Sacramentos aos que os pedem, manda o Santo Concílio a todos os Bispos que para que fique assegurado um melhor bem à salvação das almas que estão sob sua responsabilidade, dividam o povo em paróquias determinadas e próprias, e determinem a cada uma delas seu pároco perpétuo e particular que possa conhece-las e de cuja mão seja permitido ao povo receber os Sacramentos, ou dêem sobre isto outra providência mais útil, segundo o necessário às necessidades do lugar. Cuidem também de colocar isto em execução o quanto antes, de modo que naquelas cidades ou lugares onde não existam paróquia alguma, sem que seja oposto a isso quaisquer costumes mesmo que muito antigos.”

⁷¹ Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 13.

pastor»⁷². É neste contexto conciliar tridentino que se usa pela primeira vez o termo “pároco” para «designar a função do reitor da comunidade paroquial excluindo desse modo todas as demais nomenclaturas»⁷³. Desta forma, «o pároco é o presbítero encarregado de uma paróquia»⁷⁴, deve residir nela e cuidar do ministério da palavra, bem como dos sacramentos⁷⁵. O concílio valorizou muito a estabilidade no exercício do ministério com o «adequado sustento, a necessária proximidade aos fiéis e a formação suficiente, quer dos que se candidatavam a ordens, quer dos que já estavam no exercício do ministério»⁷⁶. Assim, para ajudar numa formação sólida de futuros párocos, foram criados seminários.

Relativamente à territorialidade, o concílio «justificou a divisão das grandes paróquias a fim de favorecer a prática sacramental e a comunicação dos paroquianos com o seu pároco»⁷⁷. Por sua vez, se esta não se pudesse dividir, «juntava-se ao pároco um ou mais coadjutores como ajudantes e com dever de residência»⁷⁸. Era propósito dos padres conciliares que «a cada paróquia correspondesse uma população concreta»⁷⁹ a fim de que o pároco perpétuo e particular, pudesse «conhecer os seus fiéis e que a estes só seja permitido receber os sacramentos da sua mão»⁸⁰. Se o concílio decretava aos párocos o cuidado pastoral dos fiéis, a estes, por sua vez, «competia uma regularidade de vida sob a direção do pároco, assim como a colaboração na vida da Igreja, também através das suas ofertas»⁸¹.

Uma vez que segundo as decisões do Concílio se entendeu mais o *populus* como «pessoas que habitavam no mesmo território do que paroquianos que escolhiam livre e pessoalmente uma integração comunitária»,⁸² a paróquia tornou-se algo «massivo e impessoal»,⁸³ o que levou desta forma a configurar o sentido jurídico da paróquia. Contudo, a grande questão que se colocava não se prendia tanto com o número de paroquianos de cada paróquia, mas sim com a «conceção benéfica e territorial da Igreja dividida em parcelas»⁸⁴. No entanto, foi preocupação de Trento que a paróquia fosse o «meio mais idóneo de instruir

⁷² Fernandes, 13.

⁷³ Santos, *Evolução histórica da paróquia sob a ótica do Pároco*, 85.

⁷⁴ Floristán, *Para compreender a paróquia*, 78.

⁷⁵ Cf. Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 14.

⁷⁶ Abreu, *A paróquia na história Elementos para uma visão de conjunto* 247.

⁷⁷ Floristán, *Para compreender a paróquia*, 16.

⁷⁸ Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 15.

⁷⁹ Santos, *Evolução histórica da paróquia sob a ótica do Pároco*, 87.

⁸⁰ Santos, 87-88.

⁸¹ Abreu, *A paróquia na história Elementos para uma visão de conjunto*, 247.

⁸² Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 15.

⁸³ Floristán, *Para compreender a paróquia*, 16.

⁸⁴ Floristán, 16.

rigorosamente o povo»⁸⁵, ou seja, Trento pretendeu que acima do aspeto benéfico se sobrepusesse o aspeto de serviço do pároco.

Nos finais do século XVII, a paróquia é também afetada pelos poderes políticos e, em consequência do *regalismo* político e do josefismo eclesiástico, nos séculos XVIII e XIX, o estado procurou aproveitar-se da paróquia e do pároco, convertendo-o em professor primário e pedagogo para estabelecer um certo código moral⁸⁶. Mas é já no séc. XX que, com a progressiva tomada de consciência por parte dos leigos da sua missão e com a renovação espiritual do clero, a paróquia conseguiu uma maior autonomia, sem que haja uma ingerência por parte do estado na vida da paróquia. Foi, também, no primeiro quartel deste século que a configuração canónica da paróquia territorial se cristalizou no Código de Direito Canónico. Assim, é a conceção paroquial tridentina que irá marcar o Código de Direito Canónico de 1917, em que a paróquia é aí definida como «uma parte territorial da diocese, com a sua igreja própria e uma população determinada, atribuída a um reitor especial, como pastor próprio da mesma, para a necessária cura de almas» (can. 216)⁸⁷. Nesta descrição conseguimos observar os elementos fundamentais: o território [*distincta pars territorialis dioecesis*], ou seja, a parcela territorial integrada numa diocese de que depende; o templo ou igreja própria [*peculiaris ecclesia*]; o povo determinado [*populus determinatus*], ou seja, o conjunto dos batizados que, tratando-se de paróquias territoriais, residem naquele território; o pastor próprio [*pastor proprius*], que é o pároco⁸⁸, ou seja, o presbítero a quem o bispo diocesano conferiu o cuidado dos paroquianos (c. 451) e a gestão da paróquia nos modos e com os instrumentos considerados mais adequados às circunstâncias⁸⁹. Esta conceção de paróquia «resume a tradição tridentina e tem uma influência notável na pastoral previa ao Concílio Vaticano II»⁹⁰.

Até bem perto da altura do Concílio Vaticano II, houve canonistas defensores da paróquia como realidade exclusivamente jurídica, em que a visita do bispo à paróquia era feita segundo um rito jurídico baseado em exigências canónicas e aí se verificavam, com exatidão, os registos e livros paroquiais, a dignidade e segurança dos sacrários, as contas da “fábrica”, a ortodoxia doutrinal e o ordenamento moral⁹¹. Sendo o templo (para o sacramental e

⁸⁵ Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 15.

⁸⁶ Cf. Floristán, *Para compreender a paróquia*, 16.

⁸⁷ Cf. *Codex Iuris Canonici 1917* [online]: <http://www.intratext.com/X/LAT0813.HTM> [consultado a 12/02/2023].

⁸⁸ Cf. Floristán, *Para compreender a paróquia*, 17.

⁸⁹ Cf. *Codex Iuris Canonici 1917* [online]: <http://www.intratext.com/X/LAT0813.HTM> [consultado a 12/02/2023].

⁹⁰ Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 16.

⁹¹ Cf. Floristán, *Para compreender a paróquia*, 17.

devocional), o cartório (para atendimento), a sacristia ou uma sala (para a catequese) e a casa dos paroquianos (para a visita aos doentes) os lugares clássicos para a ação pastoral paroquial⁹².

3.2 A paróquia no Concílio Vaticano II

Ainda que o Concílio Vaticano II não tenha dedicado nenhum capítulo específico à instituição paroquial, a «reforma pastoral levada a cabo pelo último concílio, teve repercussões profundas na vida e constituição desta instituição»⁹³. A paróquia já não nos é apresentada, como o foi no Código de Direito Canónico de 1917, como uma parte territorial da diocese, mas antes como uma “célula da diocese” (AA 10) onde se realiza o «apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja» (AA 10). Desta forma, o Concílio procura que as paróquias não sejam simplesmente parcelas ou ilhas, mas que estendam a sua cooperação aos campos interparoquial, interdiocesano, nacional ou internacional (cf. AA 10), reconhecendo, ao mesmo tempo, o quanto às paróquias pertence também «dar testemunho de Cristo perante as nações» (AG 37), situando-as, assim, numa eclesiologia de comunhão que valoriza não só a Igreja universal como a particular.

Aquando do Concílio Vaticano II, a paróquia enfrentava várias crises, nomeadamente uma certa inviabilidade mediante a industrialização e urbanização, que levaram a um êxodo rural que influenciou a organização social e eclesial. Devido a esta mobilidade urbana, a paróquia deixava de ser a referência territorial e, assim, na Igreja surgem novas formas de ser comunidade em alternativa à configuração paroquial.

Como referimos anteriormente, do Concílio Vaticano II não foi elaborado nenhum documento onde aborde efetivamente a paróquia, contudo, apresenta-nos uma chave de leitura importante, a Igreja Particular (LG 26), compreendendo esta igreja particular como sendo a diocese. Assim, concebemos que «esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, as quais aderindo aos seus pastores, são elas mesmas chamadas igrejas» (LG 26). Desta forma, a paróquia não é a Igreja isolada, ou separada, mas deve ser entendida como estando em comunhão eclesial (LG 13) com todas as outras paróquias que formam a Igreja Particular que os bispos governam e «que lhes foram confiadas como vigários e legados de Cristo (LG 27).

⁹² Cf. Fernandes, *Origem e história da paróquia*, 17.

⁹³ Fernandes, 19.

O concílio Vaticano II insiste no valor da Igreja reunida em assembleia eucarística⁹⁴, «fonte e centro de toda a vida cristã» (LG 11) e onde se realiza a unidade de todo o Povo de Deus. Assembleia esta que se «manifesta plenamente quando presidida pelo bispo, ministro da unidade da Igreja local: a Igreja local como comunidade eucarística é, primeira e originalmente, a Igreja do bispo»⁹⁵.

Outra perspectiva para a redescoberta da Igreja local aborda a natureza missionária da Igreja. O Concílio também destacou a condição e a dignidade de todos os batizados⁹⁶. A paróquia é, então, uma comunidade de fiéis (LG 28) que torna presente a Igreja, num determinado lugar e em comunhão. Assim, a Igreja como um todo é convidada a vivenciar esta comunhão, pois «a paróquia apresenta um exemplo luminoso do apostolado comunitário. Congregando num todo as diversas diferenças humanas que encontra e inserindo-as na universalidade da Igreja» (AA 10). Nesse sentido, as paróquias são células vivas da Igreja (AA 10; DSD 55) e lugar privilegiado no qual «os fiéis de todas as idades, proveniências e categorias formam uma parcela, uma *ekklesia* do Povo de Deus, à qual é pedida apenas a partilha da fé e o desejo da comunhão católica»⁹⁷.

Este concílio refletiu mais na prática das paróquias do que elaborou uma reflexão propriamente dita sobre ela, a não ser no que diz respeito à Igreja local. É notório, portanto, uma forte exigência de renovação da prática paroquial diante das condições sociais e culturais (modernidade, urbanismo, mobilidade, secularização, surgimento de novos movimentos civis e religiosos etc.)⁹⁸.

Ao contrário daquilo que era próprio do Código de Direito Canônico de 1917, pretende-se, agora, superar uma visão patrimonialista e hierarcológica da paróquia⁹⁹, colocando-a como uma das mais importantes comunidades de fiéis, visto que

o bispo não pode presidir pessoalmente sempre e em toda a diocese a todo o seu rebanho, tem de reunir necessariamente assembleias de fiéis, entre as quais as mais importantes são as paróquias, constituídas localmente sob a presidência dum pastor que faz as vezes do Bispo; e assim as paróquias representam, de algum modo, a Igreja visível estabelecida em todo o mundo (SC 42).

Também, neste concílio, a figura dos leigos sai muito valorizada, em que como «participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm um papel próprio a

⁹⁴ António José de Almeida. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana* (São Paulo: Paulinas, 2009), 141.

⁹⁵ Almeida, 141.

⁹⁶ Cf. Almeida, 141.

⁹⁷ Bianchi E. e Corti R. *A Paróquia*, 26.

⁹⁸ Cf. Almeida, *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*, 145.

⁹⁹ Cf. Almeida, 145.

desempenhar na missão do inteiro Povo de Deus, na Igreja e no mundo» (AA 2); «gozam da liberdade que toca a cada cidadão no âmbito da cidade terrena, no chamado regime de “autonomia”»,¹⁰⁰ é-lhes atribuído o direito a serem instruídos na doutrina cristã (Cf. LG 35; AA 29) e, mediante determinadas condições, o mandato de ensiná-la (Cf. AG 41; GS 63), podendo receber encargos e funções ministeriais (Cf. LG 33,37; AA 4, 20, 26).

Esta valorização, ainda que possa parecer uma «visão supletiva da participação laical»¹⁰¹ «se, porém [os párocos] não podem atingir por si mesmos certos grupos de pessoas, chamem em sua própria ajuda outros, mesmo leigos, que lhes prestem auxílio no que tange ao apostolado» (CD 30), aflora assim, um entendimento de que a vida e missão do leigo na paróquia tem fundamento e expressões próprios:

nutridos pela participação ativa na vida litúrgica de sua comunidade, tomam parte, de maneira solícita, nas suas obras apostólicas; trazem para a Igreja as pessoas que porventura dela se encontram afastadas; colaboram intensamente na transmissão da Palavra de Deus, em especial pela obra da catequese; pondo à disposição sua competência, tornam mais eficaz a cura d'almas e a administração dos bens da Igreja (AA 10).

Desta forma, os leigos, no seu apostolado, são chamados a estar no mundo e com a Igreja, a «trabalhar na paróquia, intimamente unidos aos seus sacerdotes; a trazer para a comunidade da Igreja os problemas próprios e do mundo» (AA 10). É nesta condição que os leigos «incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo» (LG 31).

Face ao exposto, constatamos que o Concílio Vaticano II veio abandonar a conceção eclesiológica piramidal e fazer nascer uma Igreja onde os leigos, os diferentes ministérios e o serviço de todos passam a ser uma prioridade. Desta forma, a «hierarquia cedia, pois, lugar ao Povo de Deus, consciente de que também ela fazia parte desse mesmo Povo»¹⁰².

Esta nova forma de ver a Igreja trouxe consigo uma mudança de mentalidades que fez «despertar os cristãos para uma nova consciência da sua dimensão eclesial»¹⁰³. Com o Vaticano II, a Igreja adquire uma nova forma de se ver a si mesma, uma perceção de que não vive voltada para si mesma, mas que se constroi na comunhão. Para os padres conciliares, as paróquias «representam a Igreja visível estabelecida por todo o mundo, com o objetivo de que

¹⁰⁰ Almeida, 147.

¹⁰¹ Almeida, 148.

¹⁰² S. P. Ferreira, *Paróquia e corresponsabilidade do leigo*, (atas das Jornadas de Direito Canónico, in Lusitana Canónica 15, 2010), 97.

¹⁰³ J. Calmeiro Matias, *Renovação paroquial e missão da Igreja* (Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 2002), 5.

floresça o sentido comunitário paroquial»¹⁰⁴ em que, «o sujeito da ação pastoral é a Igreja como comunidade, comunidade local e universal de discípulos que seguem Jesus de modo afetivo e efetivo»¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Sacrosanctum Concilium, 42, citado por C. FLORISTÁN in (Conceptos Fundamentales de Pastoral, ed. Crisandad, Madrid 1983), 696-697.

¹⁰⁵ Álvaro Granados Temes, *Identidad y método de la Teología Pastoral, Ocho protagonistas del debate contemporáneo* (Edicep, Valencia 2010),169.

CAPÍTULO II – LUGAR DE ENCONTRO

1. Paróquia como Lugar

Tanto o conceito de espaço como o de lugar, têm sido bastante trabalhados nos últimos tempos, tendo a redefinição de lugar emergido perante o avassalador processo de globalização, que é acentuado e acelerado a cada dia. Todas estas transformações que se sentem atualmente, resultantes deste processo de globalização, «refletem-se na nossa relação com o espaço, o tempo e os *outros*»¹⁰⁶.

Pensamos ser importante clarificar estes dois conceitos. Do étimo latino *locus*, lugar aponta para o «espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo; pequena povoação»¹⁰⁷. Espaço, em latim *spatium*, por sua vez, designa um «intervalo entre limites; o que une dois pontos»¹⁰⁸. Tendo presentes estas definições, entendemos, então, que o lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado. Neste sentido, o fato de ser habitado, ganha sentido e significado pela presença do humano. Mesmo que estes dois conceitos se possam confundir, segundo António Geraldo da Cunha «o espaço, portanto, tem uma natureza estacionária, onde os objetos estão colocados distintamente uns em relação aos outros, implicando uma delimitação própria a cada um deles, transmitindo, como consequência, uma ideia de estabilidade»¹⁰⁹.

Ao vivermos esta nova conjuntura espaço-temporal, marcada pelas novas tecnologias, Giddens define esta globalização como «a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa»¹¹⁰. Assim, com esta globalização, há uma maior mobilidade, uma maior heterogeneidade e a «cidade e as metrópoles são lugares de circulação, migração e comunicação»¹¹¹.

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar coincidiam largamente, dado que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maior parte da população, e em muitos aspetos, dominadas pela “presença” – por atividades localizadas. O advento da

¹⁰⁶ Maria Teresa Salgueiro de Vasconcelos e Sá, «Lugares e não-lugares em Marc Augé» Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 28, 209.

¹⁰⁷ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, Disponível em: www.priberam.pt/dlpo/lugar [Consultado a 16/05/2023].

¹⁰⁸ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, Disponível em: www.priberam.pt/dlpo/espaco [Consultado a 16/05/2023].

¹⁰⁹ Ulisses Maciel, *Não-lugares: Um olhar sobre as metrópoles contemporâneas* (São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015), 39.

¹¹⁰ Anthony Giddens. *As consequências da modernidade*, (Oeiras: Celta Editora, 2002⁴), 69.

¹¹¹ Freitas, *Colégio de paróquias*, 69.

modernidade arrancou crescentemente o espaço ao lugar, dado promover relações entre outros “ausentes”, fisicamente distantes de qualquer situação de interação face a face¹¹².

De acordo com Marc Augé, os lugares podem definir-se como identitários, relacionais e históricos. Nascer é nascer num lugar, é ter uma residência fixa, em que o lugar de nascimento é constitutivo de identidade individual, ao mesmo tempo que num mesmo lugar podem coexistir elementos diferentes, distintos e singulares, com os quais partilhamos o lugar e com eles estabelecemos relações de partilha. Por fim é histórico, uma vez que conta a história de um povo, os que aí vivem podem reconhecer pontos de referência que não têm de ser objetos de conhecimento¹¹³.

Argumentando que “a antropologia sempre foi uma antropologia do aqui e do agora”¹¹⁴, Marc Augé propõe uma antropologia da supermodernidade, onde “o agora” diz respeito ao contato direto do etnólogo com aquilo que observa com fins descritivos no mesmo momento em que o objeto da observação se desenvolve (tempo presente), sendo «o etnólogo contemporâneo da enunciação e do enunciante»¹¹⁵.

Ao passo que, a pós-modernidade vai sendo marcada cada vez mais pela exasperação do individualismo, os não-lugares tornam-se a expressão modelar desse tempo. É por isso que Augé se centra nos não lugares, tentando explicar como certos espaços nos conseguem transformar em “outros” sendo que, esses espaços, são contruídos de forma que seja possível «fazer cada vez mais coisas em menos tempo»¹¹⁶. Verificamos, desta forma, uma busca constante, em Augé, para conseguir identificar em que medida os não lugares conseguem incitar uma perda de nós mesmos, enquanto grupo, predominando o ser humano solitário.

Por sua vez, «o lugar é antropológico, impalpável e subjetivo»¹¹⁷, uma vez que é «no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões»¹¹⁸. O lugar está ligado à noção de tempo, onde as ações humanas acontecem e ganham significado e «a organização do espaço e a constituição de lugares são, no interior de mesmo grupo social, um dos estímulos e uma das práticas coletivas e individuais»¹¹⁹, ou seja, todas as vivências culturais, sociais e simbólicas do quotidiano do humano, sejam individuais ou coletivas, manifestam-se neste palco.

¹¹² Anthony Giddens, *As consequências da modernidade*, 113.

¹¹³ Cf. Marc Augé. *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*. (Lisboa: Letra Livre, 2022), 50.

¹¹⁴ Augé, 14.

¹¹⁵ Augé, 15.

¹¹⁶ Marc Augé. *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*, 57.

¹¹⁷ Maciel, *Não-lugares: Um olhar sobre as metrópoles contemporâneas*, 40.

¹¹⁸ Ana Fani Alessandri Carlos, *O lugar no/do mundo* (São Paulo: FFLCH, 2007), 17.

¹¹⁹ Marc Augé. *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*, 48.

Os temas estudados entre os anos 60 e 80 enfatizam o desmoronamento da “civilização paroquial” no que seria o “fim” da identificação entre a paróquia como circunscrição eclesial e a comunidade como forma social. Historicamente, na “civilização paroquial”, a Igreja era o dispositivo central do território, muitas vezes um centro geográfico, mas sobretudo simbólico de representação da identidade da população enquanto comunidade moral (no sentido durkheimiano), onde a relação entre o pároco e os crentes se estabelecia no quadro de uma proximidade espacial que permitia o acesso fácil aos ritos, à pregação e à instrução religiosa. Foi neste mesmo contexto, da manutenção de uma linhagem crente continuamente celebrada, que o espaço cultural edificado se tornou um dispositivo decisivo na construção do lugar antropológico¹²⁰.

Já na perspectiva de Levy, diz-nos Alfredo Teixeira, temos esta Igreja vista como uma «máquina de fazer-creer», em forte articulação com a estrutura social e/ou o investimento num programa edificado, decorativo, imagético, narrativo, sonoro, que dá corpo a uma arquitetura do creer¹²¹.

A paróquia representa, para os paroquianos, um lugar no qual cada um se insere, habita, tem experiências cotidianas e na qual, na maioria dos casos, desenvolve uma intensa identidade religiosa. «O futuro da igreja tem necessidade da paróquia. A Igreja tem necessidade da paróquia, de um lugar que gere fé no dia a dia das pessoas»¹²².

Para Alfredo Teixeira, a expressão - o não-lugar - que Marc Augé utiliza para contextos em que os indivíduos são adicionados num espaço arbitrariamente distintos dos lugares antropológicos, são marcados culturalmente, entre outros, por “língua, ritos, valores, narrativas, símbolos e dispositivos de transmissão. Assim, se para ele, o cristianismo participou da experiência de “cosmicização” das práticas crentes (lugares santos, inscrição arquitetónica no espaço, peregrinação) de outro, favoreceu a institucionalização de territórios de «comunitarização» (dioceses, paróquias, comunidades monásticas) como uma ecologia paroquial e, portanto, importante marco da memória cristã nas culturas¹²³.

Se o não-lugar nos remete para «espaços onde coexistimos ou coabitamos sem vivermos juntos, onde o estatuto de consumidor ou de passageiro solitário passa por uma

¹²⁰ Augé, 54

¹²¹ Cf. Alfredo Teixeira, «A paróquia como «lugar»: estilos de vida paroquial» (Cadernos ISTA, Instituto São Tomás de Aquino, n.º 34, 2017, Ano XXII), 33.

¹²² Bianchi, A paróquia, 57.

¹²³ Cf. Teixeira, «A paróquia como «lugar»: estilos de vida paroquial», 32.

relação contratual da sociedade»¹²⁴, para o etnólogo francês, este espaço não cria identidade singular, muito menos relação, tornando-se apenas solidão.

A realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não lugares. Lugares e não lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las¹²⁵.

Desta forma, «é no anonimato do não lugar que se experimenta solitariamente a comunhão dos destinos»¹²⁶. Assim, «haverá, portanto, espaço amanhã, talvez já haja espaço hoje, apesar da aparente contradição dos termos, para uma etnologia da solidão»¹²⁷. Estaremos destinados a viver solitários?

1.1 Lugar Antropológico

Ao falarmos em globalização, associamos a este conceito um conjunto de transformações socioeconômicas que se irão refletir na vida cotidiana de todos nós. Estas transformações consistem num conjunto de novas realidades a que cada ser humano se tem vindo a adaptar, constituindo dificuldades para uns e oportunidades para outros.

Na nossa sociedade muitos dos espaços em que nos movemos são lugares em que não criamos relações, e, com muitos, simplesmente não nos identificamos, passamos por eles, usufruímos deles, mas com eles não estabelecemos nenhuma identidade, são lugares para clientes, passageiros, usuários, ouvintes, e aquilo que os caracteriza não é serem lugares onde alguém adquire identidade social, mas são lugares de anonimato¹²⁸. «São uma componente de existência social, reconhecível em diversas circunstâncias, ainda que não sob uma forma pura [...] os não-lugares transformam as pessoas em espectadores de um espaço codificado do qual ninguém faz parte»¹²⁹. Desta forma, os não lugares não se podem definir como identitários, relacionais, nem históricos, mas sim espaços de solidão e semelhança¹³⁰.

¹²⁴ Marc Augé. *Les sens des autres. Actualité de l'anthropologie* (Paris: Fayard, 1994), 157.

¹²⁵ Marc Augé *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*, 98.

¹²⁶ Augé, 110.

¹²⁷ Augé, 110.

¹²⁸ Cf. José Cristo R. G. Paredes. *É possível outra comunidade, sob a liderança do espírito* (Prior Velho: Paulinas editora, 2018), 35.

¹²⁹ Freitas, *Colégio de paróquias*, 47.

¹³⁰ Freitas, 47.

Por seu turno, o etnólogo Marc Augé contrapondo os não lugares, fala-nos do lugar antropológico¹³¹, ou seja, precisamente o inverso, definindo-o como um espaço de construção da vida social, onde a pessoa pode «viver em relação e em sociedade, para gerar história, para se viver verdadeiramente para o encontro»¹³². Cada ser humano liga-se a determinados lugares e reconhece-os como fazendo parte da sua história de vida: o lugar onde nasceu, o lugar onde trabalha ou o lugar onde mora. É a partir de um lugar que falamos e que somos ouvidos; que respeitamos e somos respeitados; que nos sentimos incluídos ou à margem, ou seja, que criamos relação¹³³.

Assim, toda a edificação histórica do cristianismo «passou também por uma certa ecologia, uma forma de transformar o espaço em lugar antropológico»¹³⁴. Devido a todas as modificações provocadas pela industrialização e globalização, e para ir ao encontro e conseguir enquadrar e aproximar os crentes, também a Igreja católica reagiu. Para além de se multiplicarem as paróquias dentro da cidade, de se erguerem novas formas de inscrição institucional no espaço, como a edificação de colégios, universidades, hospitais e respetivas capelanias, a Igreja autorizou a constituição de redes de associativismo confessional e de movimentos eclesiais que se adaptavam melhor ao princípio de mobilidade das sociedades modernas¹³⁵.

Contudo, a Igreja, «fiel à própria tradição e, ao mesmo tempo, consciente da sua missão universal, é capaz de entrar em comunicação com as diversas formas de cultura, com o que se enriquecem tanto a própria Igreja como essas várias culturas» (GS 58) uma vez que «a Palavra de Deus encarna-se na história dos homens [e mulheres] renovando-a», reconhecendo assim, que «as notáveis transformações sociais e culturais dos últimos decénios induziram diversas Igrejas particulares a reorganizar a forma de confiar o cuidado pastoral das comunidades paroquiais»¹³⁶.

O texto, elaborado pela Congregação para o Clero, afirma ainda, que «a rapidez das alterações, a mudança dos modelos culturais, a facilidade para as deslocações e a velocidade

¹³¹ Marc Augé. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*.41.

¹³² Paredes, 35.

¹³³ Cf. J. Vilhena, (2002). Da cidade onde vivemos a uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XV (163), 48-54.

¹³⁴ Alfredo Teixeira. A paróquia como «lugar»: estilos de vida paroquial. (cadernos ISTA, Instituto São Tomás de Aquino, n.º 34, 2017, Ano XXII), 33.

¹³⁵ Cf. Teixeira, 33.

¹³⁶ Congregação para o clero. *Instrução A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja*, I.

da comunicação estão a transformar a percepção do espaço e do tempo»¹³⁷. Contudo, e como fomos habituados pelo Concílio Vaticano II,

a “cultura do encontro” é o contexto que promove o diálogo, a solidariedade e a abertura a todos, fazendo emergir a centralidade da pessoa» é necessário «que a paróquia seja um “lugar” [antropológico] que favorece o estar juntos e o crescimento das relações pessoais duradoras, que consintam a cada um de perceber o sentido de pertença¹³⁸.

Diz-nos Yves Congar que «chega-se ao ponto de certos textos distinguirem entre “a Igreja” e os homens, quase que opondo-os, como a instituição medianeira e aqueles em favor dos quais essa instituição funciona»,¹³⁹ o que nos leva a deduzir que se pensa na Igreja apenas como instituição, esquecendo-se de que a Igreja «foi e é ainda concebida independentemente dos homens [e mulheres], como se ela não fosse constituída pelos cristãos»¹⁴⁰.

É importante continuar a transformar a paróquia num lugar de relação, «uma vez que a Igreja não é somente instituição, conjunto de meios objetivos de graça, mas que ela é feita de homens que Deus chama e que respondem a este apelo»¹⁴¹. Deve continuar a ser um lugar de proximidade e acolhimento, pois a paróquia tem sido um fator fundamental da constituição do tecido social local, através dos laços de solidariedade que sempre soube gerar, em muitos lugares¹⁴².

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco convoca toda a Igreja para que consiga superar o seu comodismo e fechamento sobre si própria e ser uma Igreja “em saída” (Cf. EG 20). Nas suas palavras, o Sumo Pontífice, é claro e conciso, «sair em direção dos afastados, dos excluídos [...] sair em direção às periferias humanas» (EG 46). Uma Igreja fechada sobre si própria, dentro dos seus muros e dogmas, na visão do bispo de Roma, não corresponde às exigências do Evangelho. É preferível, para Francisco, «uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças» (EG 49). Igreja “em saída”, significa que, desprovida do seu poder, ostentação e discriminação, vá não só ao encontro daqueles que já padecem de uma experiência de abandono por parte da sociedade e os/as acolha, uma vez que «quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem» (EG 9).

¹³⁷ Congregação para o Clero, 8.

¹³⁸ Congregação para o clero, 25.

¹³⁹ Yves Congar, *Esta Igreja que eu amo*. (Lisboa: União gráfica, 1969), 24.

¹⁴⁰ Congar, 24

¹⁴¹ Congar, 14.

¹⁴² Cf Bianchi, A paróquia, 64

O Papa Francisco deseja, assim, que a Igreja seguindo o molde de uma relação eclesial “aberta”, a todos seja dada «a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que opera misericordiosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas» (EG 43). Não obstante, só será possível se a Igreja reconhecer que jamais poderá optar por uma postura autodefensiva ou refugiar-se nas próprias seguranças (cf. EG 45).

O acolhimento é ser presença, e esta presença é feita de atenção total, concentração e embebimento na situação. Acolhimento é ser presente, é ser relação. Exige vontade e compromisso, tempo e corporeidade¹⁴³. Ao acolher, o acolhedor deve gerar empatia e tranquilidade emocional. Deve clarificar e sintetizar, não automaticamente, mas como um ser que se “casa” com a situação existencial do outro¹⁴⁴. Carl Rogers¹⁴⁵ identifica três atitudes interiores que o acolhimento deve ter: a atenção total ao acolhido, ou seja, o acolhedor deve focar-se no problema apresentado e no próprio acolhido, que exigirá do acolhedor muita maturidade psicológica e afetiva. Uma segunda atitude, será uma consideração incondicional, em que esta deverá ser uma atitude global de apreço, valorização e confiança do acolhedor em relação ao acolhido. Por fim, a terceira atitude prende-se com a sinceridade e autenticidade. Esta atitude, imprescindível do bom acolhimento, o que vale é o que é e não o que parece. Neste acolhimento, «a minha capacidade de criar relações que facilitem o crescimento do outro como pessoa independente mede-se pelo desenvolvimento que eu próprio atingi»¹⁴⁶.

«Na Igreja, há lugar para todos»¹⁴⁷, diz-nos o Papa Francisco, deve ser uma Igreja que se ergue em pé, não se dobrada em si mesma, uma Igreja sem correntes nem muros, onde todos e todas se devem sentir acolhidos e acolhidas, onde se cultiva a arte do diálogo, da escuta, da participação e não nos tornarmos numa Igreja de portas abertas, mas para despedir, para apontar o dedo ou condenar as pessoas¹⁴⁸.

Esta deve ser, também, a paróquia lugar antropológico, onde «a hospitalidade vive deste profundo encontro entre dois corpos, a partir do momento em que o acolhimento revela a prévia e necessária disponibilidade interior»¹⁴⁹.

Dentro desta perspetiva, em que devemos pensar cada vez mais a Igreja como uma casa, e a paróquia como extensão da Igreja doméstica, onde a vida se renova, é preciso promover uma espiritualidade da comunhão, da relação, elevando-a ao nível de princípio

¹⁴³ Cf Freitas, *Colégio de paróquias*, 342.

¹⁴⁴ Cf. Otilia Cerveira Lopes. *Acolhimento pastoral paroquial*. Praxis Pastoral. (Lisboa: Paulinas Editora. 1995), 46.

¹⁴⁵ Carl ROGERS. *Tornar-se Pessoa*. (Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2009), 53.

¹⁴⁶ Rogers. *Tornar-se pessoa*, 77.

¹⁴⁷ Homilia do papa francisco basílica de são pedro quarta-feira, 29 de junho de 2022

¹⁴⁸ Cf. Homilia do papa francisco basílica de são pedro quarta-feira, 29 de junho de 2022

¹⁴⁹ Freitas, *Colégio de paróquias*. 342.

educativo em todos os lugares onde se plasma o Homem e o cristão, onde se educam os ministros do altar, os consagrados, os agentes pastorais, onde se constroem as famílias e as comunidades (Cf. NMI, 43).

Esta Espiritualidade significa, também, a capacidade de nos perguntarmos «que fizeste ao teu irmão?» (Cf. Gn 4, 10), de ter o «olhar do coração voltado para o mistério da trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor» (NMI 43). Significa, ao mesmo tempo, a capacidade de sentir este irmão, como “um que faz parte de mim”, ver o que há de mais positivo nele, acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus, é o saber “criar espaço” para os irmãos e irmãs, levando «os fardos uns dos outros» (Gal 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que sempre nos insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes (Cf. NMI 43).

A paróquia deve ser, ainda, encarada como um lugar de encontro, um encontro com Deus, intermediado pelo encontro com os irmãos e as irmãs que vivem ao nosso lado, que também têm nome, um passado, uma história, desejos, alegrias, tristezas e um desejo de serem acolhidos, «homens que se abrem ao chamamento de Deus, de cristãos que vivem a relação religiosa com Deus a que são introduzidos por uma fé de amor»¹⁵⁰. Um lugar onde impera a ternura, onde caminhamos lado a lado, um espaço de maior proximidade relacional, criando uma *koinonia* entre os fiéis, uma vez que não são desconhecidos, mas próximos e vivam o *agapé*. «Somente nesta forma de comunhão, a comunidade eclesial pode expressar na sua ação pastoral a riqueza do amor recebido e que tem a missão de oferecer como dom (no anúncio, na celebração, no serviço)» (NMI 43).

1.2 Lugar teológico

Cristo ao agir na Igreja, associa-a a Si, que é o Seu corpo, tanto para o culto prestado a Deus como para a obra de santificação do ser humano. A presença atuante e vivificante de Cristo na Igreja, manifesta-se na certeza de que, por Cristo, com Cristo e em Cristo, celebramos a Aliança. A constituição Conciliar *Sacrosantum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia sublinha o carácter de presença especial de Cristo na ação litúrgica e afirma, no número 7 que, «Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas». Especial, não significa exclusiva! Cristo está presente em muitas outras realidades, como por exemplo no marginalizado, no pobre, no nosso próximo. Não constava “no plano” de Cristo abandonar a Sua Igreja, nem mesmo depois da Sua glorificação corporal. Cristo continua

¹⁵⁰ Congar, *Esta Igreja que eu amo*, 25.

presente através do seu Corpo, não físico, mas místico, que é a Igreja. O próprio Senhor, já glorificado, continua a falar e agir no mundo, «o mediador único entre Deus e os Homens, o Homem Jesus, Verbo encarnado, continua realizando a santificação do género humano e o culto ao Pai através do Seu Corpo Místico que é a Igreja, na qual subsistea sua unção sacerdotal»¹⁵¹. Instituiu, assim, um sacerdócio visível, representante de Cristo cabeça da Igreja, para conservar viva e atuante a sua salvação entre o ser humano. A Liturgia é o exercício do sacerdócio de Cristo: pelo qual Ele se mantém na Igreja.

No Novo Testamento a presença de Cristo aparece como uma realidade vital. Mateus, refere-se a essa presença quando nos diz que «se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que quiserem pedir, isto vos será concedido por meu Pai que está nos céus. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome eu estou ali, no meio deles» (18, 19-20). Ainda, no mesmo Evangelho, Jesus garante que está com os Apóstolos até ao fim dos tempos, «portanto, ide e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei. Eis que estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (Mt. 28, 19-20). Também, em S. João, Jesus promete construir morada naquele que O ama e guarda a palavra «nesse dia, conhecereis que eu estou em meu Pai, vós em Mim e Eu em vós. Quem aceita os meus mandamentos e lhes obedece, esse é que me ama. E quem Me ama será amado por meu Pai e eu o amarei e hei de manifestar-me a ele» (14, 20) e promete voltar para junto dos apóstolos, «ouvistes o que eu vos disse: “Eu vou, mas voltarei a vós.”» (14, 28).

A paróquia, enquanto célula viva da Igreja particular, deve ser este lugar onde Jesus se faz presente. «Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo», dizia-nos o Papa S. João Paulo II no número 43 da carta Apostólica, *Novo Millennio Ineunte*.

Os primeiros cristãos viviam da lembrança da presença real e temporária de Cristo durante a sua encarnação, bem como da espera da presença real e definitiva de Cristo a partir da sua segunda vinda, que marcará o evento do mundo futuro. Contudo, não vivemos apenas desta recordação e desta esperança, Cristo é um ausente presente, tanto pelo Espírito que reside na Igreja e nos fiéis, como na Eucaristia. Assim, ao celebrarmos a Eucaristia, a comunhão que aqui se estabelece entre Jesus e os que invocamos o Seu nome, lembra essa comunhão que existiu entre os discípulos e o Mestre.

¹⁵¹ Martin J. Lopez, *En el Espíritu y la verdad. Introducción teológica a la liturgia* (Salamanca: Secretariado Trinitario, 1993), 127.

Desde o início que os discípulos de Cristo, logo conhecidos pelo nome de «cristãos» (Act. 11, 26), se reuniam para a oração. Esta reunião recebeu o nome de *ecclesia*, assembleia, Igreja. A pregação dos Apóstolos, a fração do pão (a Eucaristia), as orações, o sentido a comunhão fraterna, eram os elementos fundamentais de tais assembleias (Act. 2, 42 e 46). A presença de Cristo não é um tema inédito na teologia da liturgia, tão pouco da reflexão teológica desenvolvida pelo Vaticano II. Ao percorrermos as diversas épocas da História da Igreja, constatamos que os cristãos sempre tiveram consciência da presença de Jesus na sua Igreja, ainda que nem sempre ela fosse interpretada a partir duma reflexão explícita ou, quando assim se fez, tenha sido aprofundada de diferentes ângulos, em sintonia com as circunstâncias da reflexão teológica de cada momento.

No período Apostólico e da Patrística, verificou-se uma acentuação do «aspeto eclesial da união com Cristo e da comunhão de seus dons. A presença do Senhor era de tal forma vivida profundamente que nem precisava de ser acompanhada de uma reflexão teológica explícita»¹⁵² sobre esta matéria ou do seu ensino. «A própria ação litúrgica era suficiente para transmitir e experimentar a presença de Cristo na comunidade, nos sacramentos, sobretudo na eucaristia».¹⁵³

No século III, S. Cipriano de Cartago, explica mais pormenorizadamente em que consiste e como se efetiva esta presença de Cristo:

efetivamente, uma vez com Cristo, que carregou os nossos pecados, nos assumiu a todos a si, vemos na água representado o povo enquanto no vinho se manifesta o corpo de Cristo. Quando, porém, no cálice se mistura a água com o vinho, o povo mistura-se com Cristo a massa dos crentes adere e une-se àquele em que acredita. (...) Quando se consagra o cálice do Senhor, não pode oferecer-se apenas água, nem tão pouco apenas vinho. Pois, se se oferecesse apenas vinho, o sangue de Cristo estaria sem nós. Mas se fosse só água, o povo estaria sem Cristo. Quando ambos se misturam e se fazem uma só coisa, fundindo-se, então se realiza o mistério espiritual e celestial. Assim, o cálice do Senhor não é apenas água, nem apenas vinho, mas mistura de ambos, como o corpo do Senhor pode ser tão pouco apenas farinha ou apenas água, mas a mistura de ambas na fusão de um só corpo. Com este mesmo mistério é figurado o nosso povo: como muitos grãos reunidos, moídos e amassados compõem um só pão, assim também em Cristo, que é o pão do céu, sabemos que há um só corpo no qual está unida e fundida a nossa diversidade¹⁵⁴.

¹⁵² Lopez, 128.

¹⁵³ Lopez, 128.

¹⁵⁴ Cipriano, Ep. 63, 13,1-2.

Depois do período Patrístico, na Idade Média, verificou-se uma mudança desta percepção devido às controvérsias eucarísticas, a partir do séc. IX, entre Pascásio Radberto e Ratramno e depois com Berengário. Até aqui não se discutia a presença de Cristo na liturgia, especialmente na Eucaristia, entendida como um todo: Corpo de Cristo, Corpo Eucarístico, corpo da Igreja. Para combater o erro teológico que negava a presença do Senhor na Eucaristia, a reflexão polariza-se neste aspeto a ponto de desequilibrar a visão de conjunto. O desenvolvimento da fé no mistério eucarístico atingido com os mestres do séc. XIII precisava do complemento da doutrina sobre os outros modos da presença de Cristo. “A piedade eucarística começa a centrar-se exclusivamente na contemplação e adoração do S. Sacramento e, assim entra em crise a participação na comunhão eucarística.”¹⁵⁵

A Liturgia exprime-se, assim, através de um conjunto de formas que se viu submetido a um processo ao longo da história. «Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens; nela, o Corpo Místico de Jesus Cristo – cabeça e membros – presta a Deus o culto público integral» (SC 7). Na liturgia queremos louvar a Deus juntos, em comunidade, por causa de Jesus Cristo, no Espírito de Deus. Encontrando-nos com Ele, escutando-O e deixando-nos transformar por Ele na Sua Páscoa, é cumprir o projeto que Ele tem para o mundo. A Liturgia pertence à última etapa da história da salvação, o tempo da Igreja ou o tempo do Espírito Santo. O tempo da Igreja é a continuação do tempo de Cristo, não em razão da mera sucessão temporal, ou seja, porque vem “depois” de Cristo. A linha de continuação que ligará o tempo da Igreja ao tempo de Cristo é constituída pela Liturgia.

Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica (SC 6).

Desta forma, a Liturgia aparece claramente como momento da Revelação – história da salvação-, enquanto realização do mistério de Cristo, objeto de toda a Revelação. Esta realização diz respeito tanto ao mistério de Cristo em si mesmo – realização no tempo – quanto ao seu anúncio. Ou seja, hoje a Liturgia é também – como o próprio Cristo – um evento de salvação, no qual continua a efetivar-se aquele anúncio que no tempo antigo

¹⁵⁵ Martin J. Lopez, «En el Espíritu y la verdad». Introducción teológica a la liturgia. 129.

prometia a realidade de Cristo. Portanto, a Liturgia é o momento-síntese da história da salvação, porque reúne “anúncio” e “evento”, isto é, Antigo e Novo Testamento, mas, ao mesmo tempo, é o momento último da mesma história, porque sendo a “continuação da realidade” que é Cristo, a sua tarefa é a de completar progressivamente em cada homem e mulher e na Humanidade a plena imagem de Cristo que é amor.

O amor é o culminar de toda a vida cristã. Se a esperança é abrir-se a Deus e a fé aproximar-se das coisas esperadas, amar é viver as realidades da fé e da esperança: a caridade tudo crê, tudo espera (Cf. 1ª Cor 13,7). É desta forma que o amor é o cumprimento de todas as coisas. «Que todos sejam um; como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós» (Jo 17,21). Foi logo desde o início que a Igreja procurou cumprir com este propósito. Já os Atos dos Apóstolos nos recordam que os primeiros Cristãos se distinguiam por terem “um só coração e uma só alma” (Act. 4, 32), por outro lado, Paulo, incitava, as comunidades por ele fundadas, a lembrarem-se sempre que constituem “um só corpo” (1 Cor 12, 13).

O Deus cristão não é um Deus solitário, e a Sua autocomunicação e autodoação na história humana, revela-nos o Mistério de Deus como vida partilhada e comunidade relacional, como comunhão do Pai e do Filho no Espírito Santo, como unidade vivida na entrega total de si mesmas das Pessoas divinas¹⁵⁶. A comunhão, é assim, o fruto e a expressão deste amor que, brotando do coração do Pai eterno, se derrama em nós através do Espírito que Jesus nos dá (cf. Rom 5,5), para fazer de todos nós «um só coração e uma só alma» (Act 4,32).

Pela Constituição dogmática *Lumen Gentium*, o Concílio Vaticano II vem-nos apresentar a Igreja como novo Povo de Deus. Esta imagem de Povo de Deus que nos aparece no Capítulo II desta constituição, impôs-se às outras imagens bíblicas, embora apresentadas nesta constituição, não mereceram um capítulo próprio.

Esta novidade, ou esta nova consciência que a própria Igreja tem de si, inaugurou uma outra eclesiologia. Os padres conciliares deram grande ênfase aos aspetos dogmáticos e pastorais da Igreja, passando a ser vista não apenas como uma instituição hierarquizada, mas sobretudo como uma comunidade de cristãos, constituintes do Corpo Místico de Cristo (cf. LG 7).

Foi o próprio Deus que se quis servir de um povo para realizar o seu desígnio salvífico prometido e destinado à Humanidade. «Aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não

¹⁵⁶ Cf. Pinho, «Critérios de comunhão e construção da comunidade» 195.

individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os num povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente» (LG 9). Vemos, assim, uma desqualificação de uma interpretação individualista da salvação cristã, uma vez que exige a pertença a uma comunidade humana concreta, ainda que em graus diferentes (Cf. LG 13). Este vínculo à Igreja é de caráter espiritual, adquirido pelo batismo, que pela «regeneração e pela unção do Espírito Santo, são consagrados para serem casa espiritual, sacerdócio santo» (LG 10). «O Concílio retorna assim à tradição das comunidades neotestamentárias e à Igreja primitiva que reservavam o termo “sacerdócio” a Jesus Cristo e ao Povo de Deus até o século III»¹⁵⁷. Esta imagem da Igreja como Povo de Deus é completada pela imagem do Corpo de Cristo

pois depois da encarnação do Verbo, do mistério pascal e da vinda do Espírito, este Povo tem na pessoa de Jesus Cristo o fundamento de sua identidade e de sua fé constituindo assim uma comunidade que deve viver à semelhança do Filho na obediência ao Pai e animada, iluminada e fortalecida pelo Espírito Santo¹⁵⁸.

Esta comunidade que se reúne, convocada a viver fraternalmente em Cristo, participa num mesmo pão, «uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participantes de um único pão» (1Cor 10,17). Desta forma, todo o cristão que viver o mistério da Eucaristia na sua vida e dela participar constitui «um Povo de Deus qualificado, que entra verdadeiramente em comunhão com Deus e constitui uma comunidade de fiéis»¹⁵⁹, que deve gerar vida.

A paróquia é então vista como um lugar teológico, um lugar onde Deus se faz presente, um lugar existencial que permite que Deus se manifeste de modo específico e misericordioso para a condição humana.

2. Tempo do cristianismo fragmentado

O ser humano não pode viver isolado, não foi criado para viver sozinho. Desta forma, cria comunidades que lhe dão identidade e o definem¹⁶⁰. Max Weber posiciona que uma comunidade funda-se em ligações emocionais, afetivas ou tradicionais, provocadas por uma ação social que se baseia num sentido de solidariedade entre os participantes. Para conceituá-la, desprendida do protótipo antigo, Palacios destacou, entre outros elementos: o sentimento de pertença do indivíduo como parte do todo; a territorialidade do *locus*, e a sua permanência

¹⁵⁷ Mário de França Miranda, «A Igreja como povo de Deus», Revista de Cultura Teológica Ano XXI N.º 81 (Jan/Jun 2013), 37.

¹⁵⁸ Miranda, 38.

¹⁵⁹ Miranda, 38.

¹⁶⁰ Cf. Paredes, *É possível outra comunidade*, 7.

enquanto condição essencial para o estabelecimento das relações sociais, assim, uma comunidade define-se como o lugar onde o ser humano comunica com o outro, onde cria relações, toma decisões e chega a acordos sobre padrões e normas¹⁶¹.

Contudo, a «comunidade não surge por geração espontânea, nem fica constituída de forma permanente. Precisa de entrar num processo de relações mútuas, de acomodação de uns e outros, de criação de sinergias»¹⁶². São Paulo fala da Igreja, da comunidade dos fiéis, como de um corpo, o Corpo Místico (1Cor 12, 12), toda a comunidade é um corpo e nós pertencemo-nos uns aos outros, em que este sentimento de posse não vem da carne nem do sangue, mas de um chamamento de Deus para integrarmos a comunidade. Somos chamados individualmente a fazermos parte da mesma comunidade, do mesmo corpo. Este é o resultado da nossa resposta em nos comprometermos uns com e para os outros. Assim, «como num só corpo, temos muitos membros, mas os membros não têm a mesma função, assim acontece conosco: os muitos que somos formamos um só corpo em Cristo; mas individualmente, somos membros que pertencem uns aos outros» (Rm 12, 4-5).

Neste corpo, para além de cada um ter uma função, cada um tem um dom diferente a exercer:

consoante a graça que nos foi dada, são diferentes: se é o da profecia, que seja usado em sintonia com a fé; se é o do serviço, que seja usado a servir, se um tem o de ensinar, que use o ensino; se outro tem o de exortar, que o use na exortação; quem reparte faça-o com generosidade; quem preside, faça-o com dedicação; quem pratica a misericórdia, faça-o com alegria (Rm 12, 6-8).

Assim, este corpo que o associamos à comunidade, deve proceder e propagar para a obra do amor do Pai, ao mesmo tempo, que deve ser um corpo de misericórdia para curar e dar vida aos que se encontram em sofrimento, sem esperança¹⁶³.

Contudo, este ser comunidade, este lugar de partilha das dores e das alegrias, lugar de vida, mas vida com dignidade, em abundância (cf. At 10,10), também é frágil, e porque é humana, por vezes, «na vida das paróquias apareceram novas dificuldades e problemas à medida que o cristianismo tradicional se foi dissolvendo: o abandono da prática religiosa generalizou-se»¹⁶⁴.

¹⁶¹ Cf. Sérgio Ricardo Coutinho, «A paróquia e um conceito “forte” de comunidade: uma compreensão pela sociologia e pela pastoral», *Encontros teológicos* n.º 65 (2013), 52-58.

¹⁶² Paredes. *É possível outra comunidade*, 18.

¹⁶³ Cf. Jean Vanier, *A comunidade lugar do perdão e da festa*. (Sacavém: Edições Paulistas, 1986), 32.

¹⁶⁴ José António Pagola, *Voltar a Jesus. Para renovação das paróquias e comunidades*. (Lisboa: Paulus Editora, 2015), 19.

Segundo Zygmunt Bauman, vivemos tempos líquidos, uma modernidade líquida,¹⁶⁵ onde a estabilidade, a continuidade social e económica são um constante desafio¹⁶⁶ e «resultado da queda das instituições estáveis [...] e da perpétua instabilidade da condição humana e social»¹⁶⁷. Pensar o futuro, torna-se, assim, um grande problema, uma vez que as referências importantes estão ausentes já no hoje¹⁶⁸ e «o medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demónios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época»¹⁶⁹.

Se a modernidade líquida é fruto da queda das instituições estáveis, urge a necessidade de refletir a Igreja, perceber em que medida a Igreja e as diferentes comunidades cristãs, foram atingidas¹⁷⁰. Muitas são as vozes que se levantam e, cada uma grita mais alto que a Igreja está em crise, que esta instituição já não é capaz de responder aos desejos e aspirações,

uma Igreja que tem dificuldade em fazer caminho com os jovens [...] uma Igreja com uma atitude demasiado hierárquica, clerical, corporativa, pouco transparente [...] em declínio social no que respeita à sua reputação e relevância [...], que amarra os pobres e sedimenta as desigualdades e o localismo, que gera xenofobia e promove populismos [...], pouco disponível para discutir [...], uma Igreja na qual existe ambiguidade relativamente a alguns movimentos e grupos¹⁷¹.

Diz-nos Tomáš Halík que «“hoje” é o tempo do cristianismo fragmentado»¹⁷², em que a divisão que se faz sentir não diz respeito à separação entre Igrejas, mas sim, no interior delas¹⁷³. Hoje, encontramos cristãos que selecionam dentro das doutrinas da Igreja, aquelas que mais lhe convém, aquelas que vão ao encontro das suas convicções pessoais,

uns aceitam a orientação moral em prol dos pobres, mas rejeitam os dogmas e a moral sexual; outros gostam das celebrações, quanto mais festivas, melhor, mas pouco se importam com as exigências da justiça; outros, ainda, assumem parcelas da simbologia e da linguagem cristã ao lado de elementos de outras proveniências, formando sua própria constelação religiosa¹⁷⁴.

Os cristãos encontram-se divididos e, para muitos, o «cristianismo deixou de ser a expressão de um valor absoluto, de uma voz transcendente»¹⁷⁵. Os escândalos de abusos

¹⁶⁵ Cf. Zygmunt Bauman. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros (Rio de Janeiro: Zahar, 2007).

¹⁶⁶ Cf. Bauman, 30.

¹⁶⁷ Tiago Freitas. *Colégio de Paróquias. A paróquia em tempos de mobilidade* (Prior velho: Paulinas Editora, 2018), 29.

¹⁶⁸ Cf. Bauman, 70.

¹⁶⁹ Bauman, 26.

¹⁷⁰ Cf. Freitas, *Colégio de Paróquias*, 29

¹⁷¹ Relatório Sínodo dos Bispos 2022/2023

¹⁷² Tomáš Halík. *Ser católico hoje* (Prior velho: Paulinas Editora, 2022), 4.

¹⁷³ Cf. Halík, 4.

¹⁷⁴ Editorial, *Cristianismo fragmentado*. Perspetiva Teológica, [S. l.], v. 28, n. 75, p. 149, 1996. <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/922>. [consultado a 3 de maio de 2023].

¹⁷⁵ Editorial, *Cristianismo fragmentado*, 149.

sexuais, económicos, psicológicos e eclesiais ultimamente descobertos e trazidos para os meios de comunicação social, vêm colocar em questão a credibilidade da instituição Igreja, levando a que se instaure, nela, uma das suas maiores crises, levando a que toda esta situação pela qual a Igreja Católica, hoje, está a passar seja «muito semelhante àquela que antecedeu a Reforma»¹⁷⁶.

Uma vez que a Igreja é *communio viatorum*¹⁷⁷, o Papa Francisco, convocou-a para um processo sinodal, que deve acontecer «num dinamismo de escuta recíproca a todos os níveis da Igreja, envolvendo todo o povo de Deus»¹⁷⁸. Assim, este caminho, que se desenvolve num contexto histórico, está marcado pelas respetivas mudanças epocais na sociedade e por uma «passagem crucial na vida da Igreja»¹⁷⁹ e à qual todos «somos chamados a «investigar os sinais dos tempos e a interpretá-los à luz do Evangelho» (GS 4). Esta sinodalidade não é apenas «um caminho para uma reforma, mas um caminho de reforma, em que [...] os cristãos de hoje, como no início da sua história, devem ser “pessoas a caminho”»¹⁸⁰ com o objetivo de «transformar progressivamente as paróquias em verdadeiras comunidades cristãs»¹⁸¹.

A paróquia enfrenta, também, verdadeiros desafios, quer do quotidiano dos Homens, das sociedades e até do mundo eclesial. A realidade do Homem e da sociedade que hoje vivemos constitui uma mudança epocal que alterou o mundo e a própria Igreja, contudo o importante é perceber a realidade em que nos encontramos, descobrir as suas raízes e o que nos revela Deus, no hoje da história e discernir o apelo de missão que este “hoje” nos mostra¹⁸². Continuarão, as paróquias a ser presença de Deus no meio do seu povo? Representam a Igreja visível espalhada pelo mundo? (SC 42) Continuam a ser «o seio em que os cristãos são gerados para a fé»¹⁸³ e um « pilar seguro no agir pastoral da Igreja que, ao longo de muitos séculos, permitiu a muitos cristãos viver, em comunidade, a sua fé»?¹⁸⁴ Ou, por outro lado, será que a instituição paróquia esta “moribunda” e “ultrapassada”, e não responde aos anseios e aspirações da vida crista de muitos fiéis?

¹⁷⁶ Halík. *Ser católico hoje*, 4.

¹⁷⁷ Halík, 6.

¹⁷⁸ Conferência Episcopal Portuguesa. *Sínodo 2021-2023 documentos e orientações*. (Lisboa: Gráfica Almodina, 2022), 3.

¹⁷⁹ Conferência Episcopal Portuguesa. *Sínodo 2021-2023 documentos e orientações*, 11.

¹⁸⁰ Halík. *Ser católico hoje*, 4.

¹⁸¹ Philippe Bacq e Christoph Theobald. *Uma nova oportunidade para o Evangelho* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013) 17.

¹⁸² Cf. Francisco Melo. *A paróquia tem futuro? Para uma paróquia geradora de quotidiano cristão em Aveiro – Do II sínodo Diocesano aos nossos dias*. (Aveiro: Tempo Novo Editora, 2017), 158-59.

¹⁸³ Bianchi E. e Corti R. *A Paróquia*, 25.

¹⁸⁴ Freitas, *Colégio de Paróquias*, 30.

3. Olhar sócio religioso da relação dos cristãos com a paróquia

Com um olhar mais atento, conseguimos observar que a relação dos cristãos com a Igreja e, conseqüentemente, com a paróquia tem-se vindo a deteriorar. «Não se trata tanto de crise, mas de um fim, ou melhor, de um fim de uma forma de ver o mundo, de se conceber a razão, a verdade, a ética, a história e, até mesmo, a religião»¹⁸⁵. Há cada vez mais paroquianos indiferentes e, muitos que se consideram crentes, mas “não praticantes”. Vivemos um tempo de uma religiosidade de «supermercado espiritual»¹⁸⁶, em que o religioso se torna presente, mas de uma forma “invisível” ou «destituído do âmbito público»¹⁸⁷ onde cada pessoa é autónoma de acreditar e livre de escolher em quê ou quem acreditar, sempre em função da sua satisfação ou felicidade pessoal¹⁸⁸.

No seu livro *Colégio de Paróquias*, Tiago Freitas diz-nos que podemos falar «de um tempo feito de itinerários poliédricos da fé: crer sem pertencer, confronto com a não crença, participação esporádica nos sacramentos»¹⁸⁹.

A pós-modernidade representa a "quebra" com antigos modelos de pensamento linear defendidos na era moderna pelos iluministas. Esta quebra de paradigmas não aconteceu somente no campo religioso, mas sobretudo nos valores e modos de vida social, política e cultural. Desta forma, todas as transformações, desde o Iluminismo, Revolução Francesa, Revolução Industrial, passando pela Globalização e chegando às transformações tecnológicas, também a vida do Ser humano, não só pessoal como coletiva, foi afetada. Assim, todos os modelos tradicionais de religião foram perdendo a sua preponderância para que também a religiosidade e espiritualidade acompanhassem a transformação e se pudessem adaptar a todas as mudanças, não só sociais e culturais como às preocupações, desejos e anseios do homem e da mulher. A religião passou a ser concebida como privatizada, individualizada e desinstitucionalizada.

Efetivamente, a grande cidade foi o lugar onde se começou a encontrar menos pessoas com religião, mas simultaneamente, e no quadro da recente globalização, maior diversidade religiosa. O individualismo, o desenraizamento social e a ausência

¹⁸⁵ Eduardo Duque, *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada* (Vila Nova de Famalicão: Edições Humus, 2014), 30.

¹⁸⁶ Duque, 35.

¹⁸⁷ Duque, 33.

¹⁸⁸ Cf. Duque, 33.

¹⁸⁹ Freitas, *Colégio de Paróquias*, 30.

de um espírito de comunidade, típico de um meio social rural, contribuiu para que também fosse na cidade que a privatização da religião mais se fizesse sentir¹⁹⁰.

Todas estas alterações abriram caminho a novos valores e uma nova ética, em que a «sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos» (CV 19) Diz-nos Armando Matteo que, se uma qualquer pessoa, que não saiba o que é a fé, entrar, hoje, numa qualquer igreja de Itália, não encontrará espaço algum onde possa esclarecer a sua ignorância e, na melhor das hipóteses, ultrapassá-la. Se nela entrar uma qualquer pessoa que não saiba o que é rezar, dificilmente encontrará alguém disposto a ensinar-lhe como se reza. E como é importante a oração, sobretudo no nosso tempo. Estamos sempre com pressa, sempre nervosos, sempre distraídos, sempre prontos a fecharmo-nos nas tocas das nossas idiossincrasias, das nossas manias, das partes menos felizes do nosso carácter. Ora, a oração irrompe como ar fresco no coração e na mente: é como abrir as janelas do nosso próprio eu e deixarmo-nos inundar pelo ar puro de Deus, que se chama Espírito Santo... Pois bem, onde é que se ensina a rezar? E, se não há oração, não há fé¹⁹¹.

3.1 Realidade Paroquial

Cada vez mais o ser humano, nesta sociedade hodierna, tenta viver a vida sem se comprometer e enraizar em compromissos duradouros, com muitos deles simplesmente não se identifica e, com outros, não querem assumir responsabilidades. Um olhar atento sobre o mundo é basicamente pessimista, a compreensão da relação Igreja-mundo é essencialmente de oposição e luta, não havendo grande reconhecimento da presença do Espírito e onde este olhar pode trazer problemas de evangelização, uma vez que se não há diálogo, empatia, não se partilha cultura e linguagem bem como mentalidades contemporâneas, será difícil ter uma palavra credível¹⁹².

Também, a paróquia, instituição multiseular, enfrenta verdadeiros desafios. Contudo, e para contrariar indubitáveis posturas

a característica que mais identifica a comunidade paroquial é, pois, a da familiaridade com as vivências específicas de cada agrupamento humano, a da vizinhança de um conjunto de

¹⁹⁰ Helena Villaça «*A religião na cidade: territórios, materialidades e comunicação*» Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Número Temático - Processos sociais e questões sociológicas, (2017), pp. 12-27.

¹⁹¹ Cf. Armando Matteo. *A primeira Geração Incredula – A difícil relação entre os jovens e a fé*. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2010), 53-4.

¹⁹² José Nunes, *Os movimentos na cidade. O espírito na cidade. Semana de estudos teológicos*, (Prior Velho: Paulinas editora, 2005), 71.

crentes, a da proximidade na vivência comunitária do Evangelho, na interpelação constante do Espírito¹⁹³.

Mas será que é isso que acontece e vivenciamos nos dias de hoje?

A maneira de pensar alterou-se e com ela não só mudou o ser humano, como também toda a sociedade da qual ele faz parte. As relações entre fé e razão, bem como todas as consequências daí advindas, vieram alterar substancialmente toda a sociedade instaurando a convicção de que a religião já não é eficaz para a construção da paz social¹⁹⁴. Esta sociedade que se representa e se organiza na resposta à pergunta “onde está Deus”¹⁹⁵, entrou num processo de secularização baseada na indiferença do estado e da sociedade enquanto tal em relação à religião e, desta forma, reduzindo esta ao estado privado do indivíduo¹⁹⁶.

Toda esta modificação e evolução alterou também a paróquia, refletindo em si todas as mudanças que o mundo vive, a estabilidade deu lugar a uma mobilidade. Enquanto vemos aumentar os paroquianos indiferentes, diminuem os cristãos na idade ativa que se identificam com as tarefas paroquiais. É apanágio que a participação na vida das paróquias seja a da faixa de população mais idosa; atualmente uma Igreja só serve para as crianças e para os seus avós, as gerações adultas são pouco mais assíduas do que as gerações mais jovens, mas muito menos que as gerações de idade avançada¹⁹⁷.

São, ainda, muitas as paróquias onde prevalece a rotina da fé, a preocupação com os sacramentos, a transmissão familiar e até mesmo a influência clerical, em que a inquietação máxima é manter, proteger e conservar, levando a que muitas estejam longe de se abrirem à nova evangelização e reiniciação cristã de adultos convertidos¹⁹⁸. Citando o exemplo de uma paróquia de Praga, Tomáš Halík¹⁹⁹, refere que o segredo da vitalidade de uma comunidade paroquial consiste em unir três pilares fundamentais do serviço paroquial, a enunciar: cultivar uma fé capaz de um diálogo intelectual com uma sociedade agnóstica; cultivar um constante crescimento pessoal espiritual e, cultivar o compromisso dos cristãos na sociedade civil. Estes pilares são sustentados com cursos sobre os fundamentos da fé, homilias, e serões de debates e palestras. O segundo pilar, num estágio mais avançado, é fomentado por encontros regulares de meditação e acompanhamento espiritual com programas de exercícios espirituais. Por fim,

¹⁹³ J. S. Lima, *Teologia Prática Fundamental*, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 331.

¹⁹⁴ Cf. Paolo Asolan, *Il pastorale in una Chiesa Sinodale. Una ricerca odegetica*. (Treviso: San Liberale. 2005), 231-32.

¹⁹⁵ Cf. Asolan, 233-40.

¹⁹⁶ Cf. Melo, *A paróquia tem futuro?*, 163.

¹⁹⁷ Cf. Armado Matteo. *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2022), 18-9.

¹⁹⁸ Cf. Floristán, *Para compreender a Paróquia*, 19.

¹⁹⁹ Cf. Tomáš Halík. *O tempo da Igrejas vazias* (Prior velho: EdiçõesPaulinas, 2020), 8-9.

no terceiro pilar, a união entre a ação e a contemplação. Para que não hajam comunidades fechadas ou Igrejas paralelas, os jovens cristãos das comunidades paroquiais envolvem-se e tomam uma vida ativa na sociedade civil, comprometendo-se com a mesma nas suas ações de defesa contra o populismo e a discriminação e na construção de uma sociedade mais altruísta e acolhedora dos outros. Para o mesmo autor, «nenhuma “nova evangelização” trará frutos se não for precedida por uma “pre-evangelização”, na forma de um cuidado sistemático pela cultura espiritual dos indivíduos e da sociedade»²⁰⁰.

Os bispos do Brasil no documento da Aparecida, escrevem que «as paróquias são células vivas da Igreja e o lugar privilegiado onde a maioria dos cristãos fazem a experiência concreta de Cristo e vivem a comunhão eclesial». Contudo, a realidade com que nos deparamos é que, em grande parte dos casos, a de uma instituição territorial, onde a comunicação entre os paroquianos é bastante débil ou praticamente inexistente, existindo apenas uma dimensão cultural e sacramental.

O Concílio Vaticano II, nomeadamente através dos decretos sobre o Munus Pastoral dos Bispos, a Formação Sacerdotal, o Apostolado dos Leigos, o Ministério e a Vida dos Presbíteros e a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, enalteceu a importância da paróquia na vida da Igreja de hoje. O Papa Paulo VI no *Decreto Apostolicam Actuositatem*, realça a importância do ser comunidade, uma vez que

é exemplo claro de apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja. Acostumem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam no confronto dos pareceres. Acostumem-se, por fim, a prestar auxílio a toda a iniciativa apostólica e missionária da sua comunidade eclesial na medida das próprias forças (AA 9 e10).

Mais recentemente, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, que nos fala sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, é perentória ao referir o papel da paróquia na vida da Igreja «embora possua sempre uma dimensão universal, a comunhão eclesial encontra a sua expressão mais imediata e visível na paróquia: que é a última localização da Igreja; é, em certo sentido, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas», apelando ainda a uma «redescoberta, na fé, da verdadeira face da paróquia, ou seja, o próprio “mistério” da Igreja presente e operante nela» (Ch L 26).

²⁰⁰ Halik, 19.

A Paróquia não é, basicamente, uma estrutura, um território, um edifício, mas é sobretudo «a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade é uma casa de família, fraterna e acolhedora» (LG 28), é a «comunidade de fiéis» (Ch L 26). Desta forma, a paróquia não se deve prender à questão institucional e meramente administrativa, não descurando essa realidade, deve tomar a sua catolicidade, professada no símbolo dos Apóstolos.

Porque os sinais dos tempos exigem fazer ressoar o Evangelho de forma adequada à linguagem, hoje a Igreja tem necessidade de um esforço maior para levar a fé cristã a um mundo que a desconhece ou a interpreta mal. Isto exige uma tarefa dupla, ou seja, é necessário, em primeiro lugar, revitalizar a própria comunidade cristã, renovando-se, purificando estruturas e discernindo quais os métodos mais adequados para assim apresentar os valores evangélicos. Por outro lado, descobrir quais os caminhos mais aptos para comunicar a Boa Nova e a tornar mais operante no mundo atual²⁰¹. A paróquia que antes era «o centro aglutinador de realização e significação, revela progressivamente dificuldades em manter esta função»²⁰².

Já em 1963, num discurso ao clero em Roma, o Papa Paulo VI frisou a necessidade de renovação das comunidades, apelando a

criar a primeira comunidade do povo cristão, iniciar e reunir o povo na expressão normal da vida litúrgica, conservar e reanimar a fé nas pessoas de hoje, dar-lhes a escola da doutrina salvadora de Cristo, praticar no sentir e no agir a humilde caridade das boas e fraternas obra²⁰³.

A paróquia existe como forma de manter o catolicismo, ou seja, para a celebração dos sacramentos de vida cristã, o matrimónio, os funerais, a catequese, tornando-se um lugar de prestação de serviços descurando a vida espiritual e o sentido de comunidade. «Por ser uma instituição antiga, surgida nos séculos V e VI, tem uma herança de imobilismo»²⁰⁴. Esta situação é mais notória nas paróquias antigas dos centros das cidades, onde impera o costume, o preceito, a obrigação. A paróquia herdou um conservadorismo tradicional. Não possui capacidade de diálogo, não transforma os valores, mantém uma fé sociológica imatura, repete sem criatividade ritos culturais²⁰⁵. «O mundo mudou, o Ocidente mudou, a família mudou, a escola mudou [...] porque não deveria mudar também a Igreja?»²⁰⁶. A Igreja, nomeadamente

²⁰¹ Cf. Miguel Paya Andres. *A paróquia, comunidade evangelizadora*. (Aguada: Artipol, 1990), 21.

²⁰² Melo, *A paróquia tem futuro?*, 167.

²⁰³ Paulo VI, discurso ao clero da de abril de cidade de Roma https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630624_clergy-rome.html [consultado a 20 de abril de 2023].

²⁰⁴ Floristán, *Para compreender a paróquia*, 36.

²⁰⁵ Cf. Floristán, 37.

²⁰⁶ Matteo, *A primeira Geração Incrédula – A difícil relação entre os jovens e a fé*, 11.

as paróquias não estão a acompanhar toda esta mudança, é necessária uma transformação²⁰⁷. Se a sociedade mudou, obrigatoriamente que os jovens mudaram também. Uma paróquia é essencialmente lugar de fé. Onde não se ensine a crer, a rezar e a aprofundar a fé, será certamente um lugar vazio de jovens, um lugar com o qual os jovens não se identificam e não se preocupam com o seu «analfabetismo cristão»²⁰⁸ onde «ninguém os ajudou a desenvolver, no seu coração antenas para Deus»²⁰⁹.

Em 2010, na sua visita Apostólica a Portugal, na homilia do dia 14 de maio, o Papa Bento XVI afirmou que «nos últimos anos alterou-se o quadro antropológico, cultural, social e religioso da Humanidade; hoje, a Igreja é chamada a enfrentar desafios novos»²¹⁰ e ao enfrentá-los é chamada a exercer alguma renovação das comunidades e «cabe a ela [paróquia] criar a primeira comunidade do povo cristão; a ela iniciar e reunir o povo na expressão normal da vida litúrgica; a ela para preservar e reavivar a fé nas pessoas de hoje; para ela será a escola da doutrina salvadora de Cristo»²¹¹.

Todavia, «a paróquia foi profundamente abalada pelo fenómeno da urbanização. Alguns chegaram mesmo a admitir com demasiada facilidade que a paróquia estava ultrapassada, se não votada ao desaparecimento, em favor de pequenas comunidades mais eficazes» (CHL 26). Cada vez mais a sociedade e o mundo apresentam-nos novas questões e para elas são necessárias respostas que, por vezes, demoram em chegar. Não nos podemos “encostar” a um cristianismo tradicional enraizado nos ritos e tradições. A imagem da fonte que nos falou o papa João XXIII, parece que «está a secar, e que, quem tem sede, procura mitigá-la noutras realidades»²¹².

Ao destacar a dimensão comunitária da Igreja, o Concílio Vaticano II, colocou em ênfase uma dimensão mais ministerial, participativa e personalizada. «A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja que deve refletir a Santíssima Trindade. A Igreja é comunhão. As Paróquias são células vivas da Igreja e os lugares privilegiados em que a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de sua Igreja. Portanto, deve-se cultivar a formação comunitária especialmente na paróquia» (DA 304).

²⁰⁷ Matteo, 11.

²⁰⁸ Matteo, 36.

²⁰⁹ Matteo, 36.

²¹⁰ Bento XVI, Homilia Grande Praça da Avenida dos Aliados, Porto Sexta-feira, 14 de Maio de 2010 (https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2010/documents/hf_ben-vi_hom_20100514_porto.html). [consultado a 20 de abril de 2023].

²¹¹ Paulo VI, discurso ao clero da de abril de cidade de Roma https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630624_clergy-rome.html [consultado a 20 de abril de 2023].

²¹² Borras, *A nova paróquia*, 6

Nesta sociedade que dissolve instituições, «é um desafio reavivar o valor da paróquia entre os demais desafios da nossa época»²¹³. Contudo, em todo este processo, a paróquia «deve evitar cair na excessiva e burocrática organização de eventos e numa oferta de serviços, que não exprimem a dinâmica da evangelização, mas o critério da auto preservação»²¹⁴. Torna-se, então, cada vez mais notória, a consciência de «uma nova necessidade de reagrupar as pessoas em ordem a maior qualidade cristã, que leve a um renovado impulso missionário no meio de uma sociedade na qual temos a sensação de que, na vida quotidiana das pessoas, o Evangelho não conta»²¹⁵.

²¹³ Edson Oriolo, «A revitalização das Paróquias» Revista Encontros Teológicos, 28,2. (2016),21.

²¹⁴ Congregação para o Clero. A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja. http://www.clerus.va/content/dam/clerus/Dox/Istruzione2020/Instrucao_PT.pdf [consultado a 20 de abril de 2023].

²¹⁵ Borrás, *A nova paróquia*, 6.

CAPÍTULO III - SERÁ POSSÍVEL UMA RENOVAÇÃO?

1. Pela Paróquia, uma Igreja renovada

A paróquia sendo «uma instituição fundamental na vida pastoral da Igreja»²¹⁶ tem passado por algumas transformações, tanto no desempenho da sua missão e da administração. Nas palavras de Paulo VI

a antiga e venerada estrutura da paróquia tem uma missão imprescindível e de grande atualidade: iniciar e congregar o povo na normal expressão da vida litúrgica; conservar e reavivar a fé das pessoas de hoje; oferecer-lhes a doutrina Salvadora de Cristo; realizar pelo coração e pela prática da caridade as obras boas e fraternas²¹⁷.

Todavia, «a paróquia foi profundamente abalada pelo fenómeno da urbanização. Alguns chegaram mesmo a admitir com demasiada facilidade que a paróquia estava ultrapassada, se não votada ao desaparecimento, em favor de pequenas comunidades mais eficazes» (CHL 26). Cada vez mais a sociedade e o mundo apresentam-nos novas questões e para elas são necessárias respostas que, por vezes, demoram em chegar. Não nos podemos “encostar” a um cristianismo tradicional enraizado nos ritos e tradições. A imagem da fonte que nos falou o papa João XXIII, parece que «está a secar, e que, quem tem sede, procura mitigá-la noutras realidades»²¹⁸.

O Concílio Vaticano II destaca a dimensão comunitária da Igreja, colocando em ênfase uma dimensão mais ministerial, participativa e personalizada.

A dimensão comunitária é intrínseca ao mistério e à realidade da Igreja que deve refletir a Santíssima Trindade. A Igreja é comunhão. As Paróquias são células vivas da Igreja e os lugares privilegiados em que a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e de sua Igreja. Portanto, deve-se cultivar a formação comunitária especialmente na paróquia (DA 304).

O Documento da Aparecida, no número 225, diz-nos

que muitas vezes, a pessoa sincera que sai de nossa Igreja não o faz pelo que os grupos “não católicos” crêem, mas fundamentalmente por causa de como eles vivem; não por razões doutrinárias, mas vivenciais; não por motivos estritamente dogmáticos, mas pastorais; não por problemas teológicos, mas metodológicos de nossa Igreja. Esperam encontrar respostas às suas inquietações. Procuram, não sem sérios perigos, responder a algumas aspirações que, quem sabe, não têm encontrado, como deveria ser, na Igreja.

²¹⁶ Alphonse Borras e Gilles Routhier. *A nova paróquia*, 5

²¹⁷ Paulo VI, discurso ao clero de Roma, de 24 de junho de 1963. (19/04/2023)

²¹⁸ Borras, *A nova paróquia*, 6

Apresenta-nos, ainda, o mesmo documento, quatro eixos que devemos reforçar. Assim, refere que aos fiéis deve ser oferecida uma experiência religiosa, onde haja um “encontro pessoal com Jesus Cristo”, uma experiência religiosa profunda e intensa, um anúncio querigmático e o testemunho pessoal dos evangelizadores, que leve a uma conversão pessoal e a uma mudança de vida integral. Passa, ao mesmo tempo, por uma vivência comunitária, onde os fiéis sejam acolhidos fraternalmente, participativos, valorizados e eclesialmente incluído, ou seja, que se sintam membros ativos de uma comunidade eclesial e co-responsáveis pelo seu desenvolvimento, que os levará a comprometerem-se na e pela Igreja. A formação bíblico-doutrinal é outro ponto que não deve ser descuidado aos fiéis, para o amadurecimento da fé. Por fim, fala-nos do compromisso missionário de toda a comunidade. Ela sai ao encontro dos afastados, dos excluídos, interessa-se pela sua situação, com o objetivo de eles/as se voltarem a aproximar da Igreja e nela se integrarem (cf. DA 226).

Desta forma, a paróquia, enquanto instituição, exige «transformações radicais»²¹⁹ e esta transformação paroquial, para que responda às necessidades de uma verdadeira ação pastoral, que a vamos sentido cada vez mais caracterizada pela mobilidade, urge criar/modificar “lugares nos quais se possa decidir a crer, lugares de geração de fé, lugares à medida de laboratórios da fé”²²⁰. Tornam-se, então, eminentes, estruturas que consolidem uma ordem social, económica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidades para todos, diz-nos o Documento da Aparecida. Igualmente, «requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais» (DA 384).

Neste documento que nasceu da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, em 2012, a missionariedade é o centro do texto. O sumo Pontífice, convida-nos a «recuperar a frescura original do Evangelho», encontrando «novas formas» e «métodos criativos» e a não aprisionarmos Jesus nos nossos «esquemas enfadonhos» (Cf. EG 11).

Com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco delineou e apresentou alguns dos objetivos para o seu pontificado, e manifesta, também, o desejo uma Igreja missionária, em saída, com as portas abertas e que saiba anunciar a todos a alegria do Evangelho. Desta forma, urge a necessidade de «uma renovação eclesial inadiável» (Cf. 27-33). Francisco sonha com «uma opção missionária capaz de transformar tudo, [...] os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial» (EG 27). Por sua

²¹⁹ Edson Oriolo, «A revitalização das Paróquias», 20.

²²⁰ Matteo, *A primeira Geração Incrédula*, 11

vez, para que esta renovação possa acontecer, é necessária «uma mudança de mentalidade e uma renovação interior»²²¹ de todo o Povo de Deus principalmente naqueles que já exercem uma responsabilidade pastoral. «A opção de fundo tem de ser firme e realista: promover um processo de renovação que nos leve nos anos que aí vêm a um nível de vida cristã mais inspirada e motivada por Jesus, e mais comprometida em colaborar com o projeto humanizador do Reino de Deus» (EG 37).

Nesta época de mudança, a Congregação para o Clero diz-nos que este dinamismo permite «uma nova experiência de paróquia»²²², ao mesmo tempo que nos lembra que «a paróquia é chamada a encontrar outras modalidades de vizinhança e proximidade»²²³. A Igreja, enquanto instituição humana e terrena, é assim chamada a esta renovação. Há uma convocação exigente e desafiadora, o que não significa que se deva acabar ou colocar de lado todo o trabalho pastoral que se tem vindo a fazer. É necessário passar de uma “Igreja do vir” para uma “Igreja do ir”. Uma Igreja em saída, que acompanha, que se envolve, que encurta distâncias, que se abaixa, que frutifica e que festeja (Cf. EG 24).

Nesta sociedade que dissolve instituições, «é um desafio reavivar o valor da paróquia entre os demais desafios da nossa época»²²⁴. Contudo, em todo este processo, a paróquia «deve evitar cair na excessiva e burocrática organização de eventos e numa oferta de serviços, que não exprimem a dinâmica da evangelização, mas o critério da auto preservação»²²⁵. Torna-se, então, cada vez mais notória, a consciência de que

a Igreja não nasceu pronta; pelo contrário, para ser continuamente sacramento do Reino de Deus na precaridade da história precisa estar se “originando” constantemente, tanto no seu ser como na sua ação»²²⁶ e que «todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão (EG 25).

²²¹ Congregação para o Clero, «Instrução: A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja», 20 de julho de 2020, n.º 35, acessado a 20/04/2023, https://www.clerus.va/content/dam/clerus/Dox/Istruzione2020/Instrucao_PT.pdf

²²² Congregação para o clero, n.º 13.

²²³ Congregação para o clero, n.º 14.

²²⁴ Edson Oriolo, «A revitalização das Paróquias», 21.

²²⁵ Congregação para o Clero. A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja.

²²⁶ Agenor Brighenti, *Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora. Iniciação à Teologia*. (Petrópolis: Vozes, 2021), 153.

2. Um caminho para a renovação

Desde o início do seu pontificado²²⁷ que o Papa Francisco, tomando o apelo do Concílio Vaticano II, vive as grandes expectativas de uma renovação na Igreja, em que «toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma» (EG 26), tendo consciência que as «reflexões teológicas ou filosóficas sobre a situação da Humanidade e do mundo podem soar como uma mensagem repetida e vazia, se não forem apresentadas novamente a partir dum confronto com o contexto atual no que este tem de inédito para a história da Humanidade» (LS 17).

Comparativamente com os pontificados anteriores, vemos uma “ousadia” muito grande nesta nova forma de pensar, sentir e sonhar a Igreja, um discernimento verdadeiramente evangélico da realidade eclesial. O Santo Padre é paradigmático no seu discurso, mostrando ser um grande desafio e uma abertura das reformas propostas, tanto a nível da estrutura da Igreja, como na linguagem, passando pelo agir tanto do clero como dos leigos.

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação. A reforma das estruturas exigida pela conversão pastoral, só se pode entender nesse sentido: fazer que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes de pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece sua amizade (EG 28).

Francisco é perentório nos seus discursos e na sua convicção de viver um amor mais pleno e maduro, uma vez que não se trata de uma mudança simples, «acidental, estratégica ou meramente estética, mas envolve tudo o que tem que ver com a disposição da Igreja para ser realmente Igreja, e em tudo o que tem que ver com a vida cristã para que esta seja verdadeiramente evangélica»²²⁸. Não se trata, portanto, de «um cumprimento mais perfeito da religião cristã. Não é por mais ordem na Igreja nem melhorar o funcionamento eclesial. Não é uma atenção maior às leis, normas e códigos religiosos. Não é somente uma conversão de

²²⁷ 13 de março de 2013.

²²⁸ Daniel Palau Valero, *Inteligencia pastoral. Ejes para una reflexión teológica*, Pastoral.doc 1 (Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2018), 117.

ordem moral. É muito mais!»²²⁹. Esta conversão, nas palavras do Papa «diz respeito, principalmente, às atitudes e a uma reforma de vida»²³⁰, ou seja, procurar em Jesus Cristo a nossa identidade e estabelecer «uma qualidade nova da nossa relação vital com Jesus»²³¹.

O caminho para esta esta renovação, percorre-se com a necessidade de «passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária» (EG 15), deixar uma Igreja centralizada na sua autoconservação e abraçar uma Igreja concentrada na sua missão evangelizadora, sair da própria «comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do evangelho» (EG 20). Não podemos ficar tranquilos em espera nos nossos templos» (EG 15), diz-nos o Papa, «procuremos o Reino de Deus [porque] o projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai» (EG 180). É necessário chegar às «periferias existenciais», isto é, aos pobres, aos que têm fome e sede, aos doentes, aos sem-abrigo, aos marginalizados que só ocupam as periferias do nosso coração. «Fiel ao modelo do Mestre, é vital que a Igreja saia hoje para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo» (EG 23). E com mais perseverança,

saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida (EG 49).

No pensar de Pagola, «esta perspectiva ampla da ação da missão evangelizadora de uma Igreja que sai de si mesma está a pedir-nos que mudemos de atitude e de esquemas enraizados em nós»²³². A paróquia não esgota a sua missão iniciando-nos na experiência cristã, mas é «lugar onde essa experiência cresce, amadurece e se compartilha de forma permanente»²³³.

As nossas paróquias, atualmente, vivem muito centradas e inquietas com a vida interna da própria comunidade, preocupando-se somente com os serviços prestados aos fiéis.

²²⁹ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 43.

²³⁰ Francisco, «Discurso do Santo Padre aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação», 28 de julho de 2013, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmgcelam-rio.html.

²³¹ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 44.

²³² Pagola, *Voltar a Jesus*, 56.

²³³ Andres, *A paróquia comunidade evangelizadora*, 81.

Contudo, a paróquia só concretiza a sua verdadeira missão se for «casa de porta aberta ao mundo e às pessoas, escrevendo as pequenas páginas da história de cada dia em solidariedade com toda a gente»²³⁴. É importante recordar que «à paróquia ocorre o povo simples nos momentos decisivos da vida»²³⁵ e nem todos se encontram motivados pela fé, mas apenas ao nível da religiosidade popular.

No pensar de muitos e para sua comodidade, «a paróquia evangeliza celebrando bem a liturgia»²³⁶, e «evangeliza através da preparação dos sacramentos, sobretudo nos encontros preparatórios do batismo e do matrimónio»²³⁷, esquecendo que a verdadeira evangelização passa por ser «sinal da nova Humanidade, inaugurada em Cristo»²³⁸, evangeliza se houver «um clima sensível e atento ao acolhimento, à escuta, à consulta, à compreensão dos fiéis leigos empenhados nos vários meios temporais»²³⁹. É importante entender e promover a paróquia como uma «comunidade onde é possível fazer a experiência do Evangelho»²⁴⁰. Não colocamos em causa que os sacramentos sejam apenas um adorno ou algo acessório, uma vez que sendo sinais eficazes da graça, constituem o fundamento de amadurecimento na fé. Está em causa, «recuperar o Ressuscitado com o centro das nossas comunidades, recordando que, [...] o que se encontra não é uma doutrina, uma instituição, um corpo moral ou uma liturgia, mas uma experiência»²⁴¹. Esta experiência centra-se na alegria do «encontro pessoal com Jesus Cristo» (EG 3) e que essa «experiência do Ressuscitado tenha força transformadora para os homens e mulheres de hoje»²⁴².

Para esta conversão pastoral, a Congregação para o Clero refere a conversão pastoral como «um dos temas fundamentais na “nova etapa da evangelização” que a Igreja é chamada a promover, para que as comunidades cristãs se tornem cada vez mais centros propulsores do encontro com Cristo»²⁴³. Esta expressão aparece pela primeira vez, em 1992, com a Conferência de Santo Domingo: «a Nova Evangelização continuará na linha da encarnação do Verbo. A Nova Evangelização exige a conversão pastoral da Igreja. Tal conversão deve ser coerente com o Concílio» (SD 30). Já Tiago Freitas define a conversão pastoral como uma «mudança de rota espiritual, cultural e pastoral da Igreja para atingir a «reforma das

²³⁴ AA. VV., Congresso Paróquia evangelizadora, (Edice, Madrid 1989), sp.

²³⁵ M. Almeida de Sousa, «A realidade paroquial», in Cenáculo 124 (1992), 58.

²³⁶ Floristán, *Para compreender a paróquia*, 91.

²³⁷ Floristán, 91.

²³⁸ Matias, *Renovação paroquial e missão da Igreja*, 94

²³⁹ Sínodo dos Bispos, *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo a vinte anos do Concílio Vaticano II*. Instrumento de trabalho, Secretariado Geral do Episcopado, 1988, 62.

²⁴⁰ Andres, *A paróquia comunidade evangelizadora*, 81.

²⁴¹ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 217.

²⁴² Pagola, 217.

²⁴³ Congregação para o Clero. *A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja*. n.º 3.

estruturas»²⁴⁴, mais que uma meta a atingir, visa uma «mudança *sistémica e sistemática* que acontece no decurso do próprio itinerário de transformação»²⁴⁵, e apresenta quatro dimensões que «ativam a conversão pelo agir pastoral»²⁴⁶ em que processos orgânicos que respeitem a tradição e a identidade da Igreja, mudanças participativas, convertendo-se, porque declinando o gerúndio e na forma reflexiva, é um verbo escatológico e espiritual, mudança de mentalidade mais do que estratégias pastorais²⁴⁷.

3. Voltar a Jesus

Inspirado na primeira exortação apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, José António Pagola apresenta-nos uma proposta de fé e vida cristã que resgata o seu essencial da sua fonte e origem, Jesus Cristo! Diz-nos o sacerdote que,

se nos próximos anos não se promover nas nossas paróquias e comunidades um clima de conversão humilde e alegre a Jesus Cristo, facilmente veremos como a fé se extinguirá aos poucos entre nós e como o nosso cristianismo multissecular se diluirá em formas religiosas cada vez mais decadentes e sectárias, e cada vez mais afastadas do movimento de seguidores inspirado e desejado por Jesus²⁴⁸.

É seu intuito, ajudar as paróquias e comunidades cristãs a responder ao apelo do Papa. O Papa não pensa apenas num «*aggiornamento*»²⁴⁹ ou adaptação da Igreja aos tempos atuais, mas a «escutar a voz de Deus, perceber a sua presença, interceder a sua passagem e o seu sopro de vida»²⁵⁰.

Trata-se do tempo oportuno de nos mobilizarmos, unir esforços e agir, «com generosidade e valentia»²⁵¹, «sem proibições nem medos»²⁵²,

mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos

²⁴⁴ Freitas, *Colégio de paróquias*, 320

²⁴⁵ Freitas, 320.

²⁴⁶ Freitas, 322.

²⁴⁷ Cf. Freitas, 323-4.

²⁴⁸ Pagola, *Voltar a Jesus*, 5.

²⁴⁹ *Aggiornamento* é um termo italiano, que significa "atualização", ou seja, uma adaptação e a nova apresentação dos princípios católicos ao mundo atual e moderno. Desta forma, é por isso, um objetivo fundamental do Concílio Vaticano II. «O sagrado Concílio propõe-se fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições suscetíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja. Julga, por isso, dever também interessar-se de modo particular pela reforma e incremento da Liturgia» (SC 1).

²⁵⁰ Discurso do Santo Padre Francisco Aos Fiéis Da Diocese De Roma Sala Paulo VI - Sábado, 18 de setembro de 2021. https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/wp-content/uploads/10-PapaFrancisco_DioceseRoma_Sinodalidade.pdf

²⁵¹ Pagola, *Voltar a Jesus*, 7.

²⁵² Pagola, 7.

transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus nos repete sem cessar: “Dai-lhes vós de comer.” (M. 6,37) (EG 49).

Este apelo concretiza-se de uma forma muito simples: voltar a Jesus. Assim o declara Francisco: «a Igreja leva Jesus: este é o centro da Igreja, levar Jesus! Se, por hipótese, uma vez acontecesse que a Igreja não levasse Jesus, ela seria uma Igreja morta! A Igreja deve levar a caridade de Jesus, o amor de Jesus»²⁵³.

3.1 Conversão ao Deus de Jesus

No Prólogo de S. João encontramos duas afirmações que poderão estar na base do programa renovador do Papa Francisco e nos obrigam a rever a nossa forma de viver como Igreja: «e o Verbo fez-se homem» (Jo 1,14). Aqui, encontramos um Deus que não se encerrou em Si mesmo, um Deus que veio até nós e nos falou. É o eterno desejo de Deus de entrar em diálogo com o ser humano, de o atrair para a comunhão de amor. «A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer» (Jo 1,18). Ainda que possamos falar e dizer muito de Deus, nenhum de nós ainda O viu, ainda que O preguemos, que O anunciemos com alguma confiança e segurança, nenhum de nós viu ainda o Seu rosto. Somente Jesus, Seu Filho nos contou como é o Pai, como nos quer e como quer que construamos o seu Reino. Francisco procura, desta forma, uma Igreja enraizada no Evangelho, pensa numa Igreja onde o Evangelho pode recuperar a sua força, e «renovar a nossa vida e a nossa comunidade» (EG 11), pois, sempre que «procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual (EG 11).

Encontramo-nos, então, na altura de «entender e reconfigurar a paróquia com o espaço onde o principal será acolher o Evangelho»²⁵⁴. Não nos é permitido viver a fé sem impulsionar as comunidades cristãs à conversão a Jesus e ao Seu Evangelho, a que nos impele o Papa. Ele próprio nos pede que «apliquemos com generosidade e coragem, as orientações [...] sem impedimentos nem receios» (EG 33). Há que reconfigurar a paróquia num «lugar

²⁵³ Papa Francisco. Audiência Geral. Praça de São Pedro Quarta-Feira, 23 de Outubro de 2013. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20131023_udienza-generale.html

²⁵⁴ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 24.

onde, no meio de uma sociedade indiferente e secularizada, temos de cuidar antes de mais do acolhimento do Evangelho»²⁵⁵.

«A alegria do evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus» (EG 1), contudo, muitos cristãos continuam a ser apenas espetadores, cristãos que não se envolvem, que se encontram adormecidos, consumidores passivos de uma “religião light”, permanecendo completamente ignorantes sobre o fundamento da sua fé, incapaz de refletir sobre a Palavra de Deus e com uma experiência de vivência cristã que permanece inalterada desde a infância²⁵⁶.

Ainda que tenhamos a homilia dominical que «cumpre uma tarefa insubstituível [...] atualmente, não é suficiente a homilia dos presbíteros para renovar a comunidade cristã»²⁵⁷. Muitos são os cristãos que não conhecem o Evangelho “em primeira mão”, e aquilo que sabem sobre Jesus e a Sua mensagem «se reduz ao que podem reconstruir, de maneira parcial e fragmentária, daquilo que ouviram a pregadores e catequistas»²⁵⁸.

São muitas as análises sociológicas que identificam as dificuldades da relação entre a fé declarada e a prática da vida.

Países inteiros e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos a dura prova, e, por vezes, até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo. É o caso, em especial, dos países e das nações do chamado Primeiro Mundo, onde o bem-estar económico e o consumismo, embora à mistura com tremendas situações de pobreza e de miséria, inspiram e permitem viver “como se Deus não existisse” (CH L 34).

Esta situação exige que, no respeito pela liberdade do outro, existam evangelizadores que, tenham a coragem de um anúncio mais explícito, que não renunciem ao chamamento à conversão, para reconstruir o tecido cristão das comunidades, com um renovado ardor apostólico e missionário que evite dúvidas e ambiguidades²⁵⁹. Há que voltar a Jesus! É este Jesus que o Pai nos revela (cf. Jo 14, 9) que teremos de redescobrir.

O Evangelho não pode ficar parado, a Igreja vive para o Evangelho, há que oferecer aos homens e mulheres que vivem numa sociedade concreta a forma de viver de Jesus, como modelo da Humanidade plena e como força capaz de transformar o ser humano a partir de

²⁵⁵ Pagola, 24-25.

²⁵⁶ Cf. James Mallon, *Renovação Divina*, 2a (Lisboa: PAULUS Editora, 2019), 77.

²⁵⁷ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 25.

²⁵⁸ Pagola,

²⁵⁹ Cf. Mario Oscar Lianos sdb. *Pastoral Vocacional na Nova Evangelização* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014), 9.

dentro. Só pode oferecer a forma de vida de Jesus aqueles e aquelas que tenham tido a experiência da fé de que Jesus é uma pessoa real, presente na comunidade e na vida de cada ser humano²⁶⁰.

Desta forma, «só é possível promover a renovação da Igreja “a partir do coração do Evangelho”»²⁶¹, centrando-o no essencial, ou seja, «quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário» (EG 35).

Afirma-nos Pagola que, os evangelhos são «relatos de conversão e nos levam a entrar num processo de mudança, de seguir Jesus, de identificação com a sua causa e de colaboração com o projeto do Reino de Deus»²⁶², aquilo que deles aprendemos não se trata de «uma doutrina, mas o estilo de viver de Jesus: a sua maneira de estar no mundo, o seu modo de interpretar a vida, a sua forma de a tornar mais humana»²⁶³.

Face ao exposto, é importante que os cristãos possam viver na sua comunidade esta experiência do Evangelho, «abrir-lhes o caminho da Palavra é oferecer-lhes uma nova oportunidade de se deixar gerar por Deus para a sua própria vida. Propor o Evangelho, lê-lo em conjunto, em grupos, onde os leitores estejam ao alcance da voz uns dos outros, deixar-se trabalhar por ele»²⁶⁴, renovando, assim a sua fé

não por via de “endoutrinamentos” ou por um “processo catequético”, mas como transformação pessoal pelo contato com Jesus narrado nos evangelhos [...] somente as paróquias que se puserem em contato vivo com o Evangelho voltarão para Jesus e aprenderão a viver com o seu estilo de vida²⁶⁵.

3.2 Nova relação com Jesus

No Evangelho de João (10, 1-10) Jesus utiliza imagens comuns do cotidiano para mostrar a profundidade do seu relacionamento com o ser humano. Fala do pastor que conhece, guia e guarda as suas ovelhas e elas seguem-no. Pastor que chama pelo nome e atrai para os caminhos da vida verdadeira. Compara-se, ao mesmo tempo, a um portão – sinal de segurança, que guarda e protege dos perigos, permitindo-nos passar por ele, ir e vir sem nos

²⁶⁰ Cf. Miguel Paya Andres. *A paróquia, comunidade Evangelizadora* (Évora: Centro Social Paroquial S. Brás, 1990), 36-7.

²⁶¹ Pagola, *Voltar a Jesus*, 43.

²⁶² Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 26.

²⁶³ Pagola, 26.

²⁶⁴ Philippe Bacq. *Uma nova oportunidade para o Evangelho*, 27

²⁶⁵ Pagola, *Recuperar o projeto de Deus*, 26.

restringir nem nos confinar, Jesus diz: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10). Fomos criados por Deus à sua imagem, destinados à sua amizade. «Somos *capax Dei*, famintos de Deus. Estar vivos significa embarcarmos na aventura que nos conduz ao reino, e por isso temos necessidade de comunidades que nos ajudem nesse caminho»²⁶⁶. O Senhor prometeu: «tirarei da vossa carne o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne» (Ez 36,26). Se queremos construir comunidades em que haja abundância de vida, temos de tomar consciência de quem somos, o que somos e o que significa para nós ter vida como homens e mulheres. Não somos anjos! Somos seres de paixão e é aqui que se inicia a nossa viagem.

«Deus criou um caminho para Se unir a cada um dos seres humanos de todos os tempos. Escolheu convocá-los como povo, e não como seres isolados» (EG 113). O ser Igreja significa isso mesmo, ser Povo de Deus, «de acordo com o grande projeto do Pai» (EG 114), o que significa ser «fermento no meio da Humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo» (EG 114).

Impera nas nossas comunidades viver uma experiência nova com Jesus, de estabelecer uma nova relação com Ele, de O colocar efetivamente no centro da nossa vida, é importante “escutar a sua voz”;

Cristo não é apenas Aquele em quem acreditamos, a maior manifestação do amor de Deus, mas é também Aquele a quem nos unimos para poder acreditar. A fé não só olha para Jesus, mas olha também a partir da perspectiva de Jesus e com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver. Em muitos âmbitos da vida, fiamos-nos de outras pessoas que conhecem as coisas melhor do que nós: temos confiança no arquiteto que constrói a nossa casa, no farmacêutico que nos fornece o remédio para a cura, no advogado que nos defende no tribunal. Precisamos também de alguém que seja fiável e perito nas coisas de Deus: Jesus, seu Filho, apresenta-Se como Aquele que nos explica Deus (cf. Jo 1, 18). A vida de Cristo, a sua maneira de conhecer o Pai, de viver totalmente em relação com Ele abre um espaço novo à experiência humana, e nós podemos entrar nele (LF 18).

É importante deixar-nos atrair por Jesus, descobrir pouco a pouco, e cada vez com mais alegria, que ninguém responde como Ele às nossas perguntas mais decisivas, aos nossos desejos mais profundos e às nossas necessidades últimas. Armando Matteo fala-nos num «vazio»²⁶⁷, numa «busca de sentido»²⁶⁸, uma busca de sentido que só encontra resposta em

²⁶⁶ Timothy Radcliffe, op. *A promessa de vida. Cartas à Ordem Dominicana* (Lisboa: 25 de fevereiro de 1998),2.

²⁶⁷ Matteo, *Converter Peter Pan*, 31

²⁶⁸ Matteo, 31.

Jesus Cristo, em deixarmos-nos encontrar com Ele, uma vez que «Cristo não é apenas aquele em quem acreditamos, a maior manifestação do amor de Deus, mas é também aquele a quem nos unimos para poder acreditar»²⁶⁹. É muito importante não fazermos este percurso da nossa vida sozinhos. Esta relação viva com Jesus não desabrocha em nós de uma forma espontânea ou automática. Vai crescendo dentro de nós de uma frágil e humilde.

É importante «voltar às raízes, convertermos-nos ao essencial, atualizar hoje de alguma maneira a experiência fundadora que se viveu no início com Jesus»²⁷⁰, viver a sua maneira de conhecer o Pai, e ao viver totalmente em relação com Ele, abre um espaço novo à experiência humana, e assim, podemos entrar nele. O Papa Francisco convida-nos a renovar o encontro pessoal com Jesus Cristo, ou pelo menos, a tomar a decisão de nos deixarmos encontrar por Ele, de o procurarmos dia após dia. Não há motivo para alguém pensar que esse convite não lhe diz respeito. Quem arrisca este encontro, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que ele já aguardava de braços abertos a sua chegada²⁷¹.

José António Pagola, no seu livro “recuperar o projeto de Jesus”, diz-nos que «voltar a Jesus é deixá-l’O a Ele ser na Igreja. Deixar que o Deus encarnado em Jesus seja o único Deus da Igreja, o Deus amigo da vida e do ser humano»²⁷², não se trata, porém, de estabelecer um cumprimento mais perfeito de todas as leis e preceitos, nem tão pouco «pôr mais ordem na hierarquia da Igreja»²⁷³, trata-se sim, de um novo viver de vida evangélica, passar a uma nova fase de cristianismo mais inspirado e motivado por Jesus. Todos somos chamados a esta adesão a Jesus Cristo, não importa a idade, ou o lugar que ocupamos dentro da comunidade, todos temos o dever e a responsabilidade para que a Igreja se sinta cada vez mais viva e ame a Jesus de maneira nova. Fazer com que a Igreja seja cada vez mais de Jesus e que o seu rosto seja mais parecido com o Dele²⁷⁴.

Aquilo que as comunidades e paróquias necessitam, tanto hoje como ontem, não é de um projeto pastoral perfeito; aquilo que precisamos é efetivamente de um projeto pastoral que assuma as responsabilidades por aquilo que, hoje, a história nos pede: o sonho de uma Igreja capaz de ir ao encontro dos homens e das mulheres; o sonho de uma Igreja que seja capaz de

²⁶⁹ Papa Francisco, *Caminhar com Jesus* (São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2014), 9.

²⁷⁰ Pagola, *Voltar a Jesus*, 63.

²⁷¹ Cf. Papa Francisco, *Caminhar com Jesus*, 17.

²⁷² Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 43.

²⁷³ Pagola, 43.

²⁷⁴ Cf. Pagola, *Voltar a Jesus*, 66.

dar à Humanidade a possibilidade de se encontrarem, de se cruzarem e fixar o seu olhar em Jesus Cristo²⁷⁵.

O Sumo Pontífice convida-nos a sermos ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das nossas comunidades. Convida-nos a abandonar o cómodo critério pastoral de “toda a vida se fez assim”. A todos nos exorta a que não caminhemos sozinhos, mas que tenhamos sempre em conta os irmãos, a guia dos bispos, para um discernimento pastoral sábio e realista (Cf. EG 33).

Somente conseguiremos esta nova relação com Jesus se deixarmos para trás,

um cristianismo sem relação viva com Jesus (...) uma Igreja já formada por cristãos que se relacionam com um Jesus mal conhecido, vagamente captado, confessado de vez em quando de maneira abstrata e doutrinal, um Jesus mudo de quem não se pode escutar nada de especial para o mundo atual, um Jesus apagado e inerte, de quem ninguém se enamora nem seduz, quem não chama nem toca os corações²⁷⁶,

caso contrário, teremos uma Igreja envelhecida, apagada, morta, sem futuro e esquecida na sociedade²⁷⁷. Precisamos de uma Igreja viva, com Cristãos ativos, que introduzam o Ressuscitado como o melhor, o mais valioso, o mais belo e atrativo. Com Cristãos que pertencem a Jesus, que se deixam transformar por Ele e com Ele transformam as suas vidas. Cristãos que se deixam agarrar não por uma causa, um ideal, uma missão, uma religião, mas pela pessoa de Jesus. Cristãos que voltam ao “primeiro amor”, que se deixam “abraçar” por Ele, e se deixam transformar lenta e profundamente²⁷⁸.

Ser queremos uma Igreja nova, viva e renovada, não basta mudar os vasos para se ter vinho novo: é preciso mudar o vinho nos vasos. Não se podem esperar frutos saudáveis e saborosos de uma planta descuidada e enfraquecida: é preciso revigorar a planta e cuidar bem dela, para aparecerem frutos novos, abundantes e saborosos²⁷⁹.

²⁷⁵ Cf. Armando Matteo, *Converter Peter Pan*, 31

²⁷⁶ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 44.

²⁷⁷ Cf. Pagola, 44

²⁷⁸ Cf. Pagola, 44-45.

²⁷⁹ Cardeal Odilo P. Scherer. Renovação eclesial inadiável. <https://cnbb.org.br/renovação-eclesial-inadiável/> [consultado a 13/06/2023].

3.3 Recuperar o Discipulado e seguidores de Jesus

No início do Seu ministério, Jesus chamou doze homens para se juntarem e com Ele formarem uma comunidade, ensinando-os para que se comprometessem com Ele a anunciar o Reino e libertar a Humanidade daquilo que a escraviza e aliena (Mc 3, 14-15). A Igreja é, então, esta comunidade reunida em torno da pessoa de Jesus Cristo (Cf. Mt 18:20), com O qual se identifica, se compromete, adora e mostra disponibilidade para O servir. É nesta identificação com Cristo, que a comunidade irá encontrar a sua própria identidade, uma vez que por ter «raiz em Deus, a comunidade cristã é participante de sua vida, natureza, caráter e autoridade em Jesus Cristo»²⁸⁰.

Nos Atos dos Apóstolos, encontramos uma Igreja que vive em união, como um corpo, sob o poder do Espírito Santo, «ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (Act. 1,8). Vemos, deste modo, cada discípulo comprometido com o Senhor, com os seus conceitos, modo de viver e ensino, a testemunhar Cristo.

Contudo, o que nós vivemos hoje não se assemelha à maneira como viviam os primeiros cristãos que se encontravam com Jesus e por Ele se deixavam transformar, falta-nos a adesão vital a Cristo que nos transforme em discípulos seguidores. Muito do nosso trabalho nas comunidades baseia-se em alimentar e apoiar um cristianismo convencional, condicionados a viver assim a fé, e «muitos nem sequer nunca chegam a conhecer a experiência mais original e especificamente cristã, que é sentir-se “discípulos” de Jesus e viver atrás dos seus passos»²⁸¹.

Nas nossas comunidades, a frequência com que a fé é vivida não suscita discípulos que vivem a aprender a vida do seu Mestre, mas apenas espetadores da religião, não gera seguidores que se entregam e percorrem os caminhos do reino, apenas membros de uma instituição que cumprem com o que está estabelecido²⁸². O próprio Papa Francisco, encorajando-nos a que nos libertemos do medo da novidade, sem impedimentos e sem receios pois,

às vezes, o medo paralisa-nos demasiado. Se deixamos que as dúvidas e os medos nos sufoquem toda a ousadia, é possível que, em vez de sermos criativos, nos deixemos simplesmente ficar cómodos sem provocar qualquer avanço e, neste caso,

²⁸⁰ Ademir Ifanger, *A comunidade vivendo em discipulado*. <https://silo.tips/download/ademir-ifanger-a-comunidade-vivendo-em-discipulado> [consultado a 13/06/2023].

²⁸¹ José António Pagola, *Voltar a Jesus. Para renovação das paróquias e comunidades* (Lisboa: Paulus Editora, 2015), 71.

²⁸²Pagola, 73.

não seremos participantes dos processos históricos com a nossa cooperação, mas simplesmente espetadores de uma estagnação estéril da Igreja. (EG n.º 129).

«Onde começa o medo, termina a fé»²⁸³, diz-nos Pagola. Assim, para sermos bons discípulos²⁸⁴, é importante libertar-nos dos diferentes medos que nos bloqueiam e nos amarram a um passado imutável. É necessário respirar um clima de confiança, cordialidade, busca sincera da verdade evangélica e voltar a Jesus²⁸⁵. Nas paróquias e comunidades, o grande desafio do discipulado é fazer de Jesus Cristo a sua referência, onde a sua vida e missão se tornam a principal tarefa de uma comunidade, ou seja, viver o grande mandamento do amor.

Neste sentido, «tendo os olhos postos em Jesus, autor e consumidor da fé» (Heb 12, 2), deve este encontro, proporcionar em nós um desejo maior de levar aos outros e de lhes comunicar O experimentado, uma vez que, «toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar as pessoas, os seus gestos, a sua generosidade quotidiana e simples, e finalmente a sua entrega total, tudo é preciso e fala da sua vida. Cada vez que um volta a descobri-l’O convence-se de que é isso mesmo o que os outros necessitam» (EG n.º 265).

Este é o tempo favorável, este é a oportunidade de colocarmos em marcha «processos de conversão a Jesus Cristo para que as nossas paróquias e comunidades se sintam arrastadas por Ele e todos experimentemos no interior dos nossos corações o seu apelo, o mesmo que ouviram os primeiros que se converteram em seus discípulos e discípulas e O seguiram»²⁸⁶.

3.4 Recuperar uma comunidade de acolhimento integral

Para a tradição judaico-cristã, o conceito de hospitalidade diz respeito ao encontrar Deus nos mais vulneráveis, ou seja, na pessoa do pobre, do órfão, da viúva e do estrangeiro²⁸⁷.

Tendo como pano de fundo a Sagrada Escritura, e num olhar atento, poderemos observar que a hospitalidade é referida como uma atitude intrínseca do povo daquelas épocas. No Antigo Testamento temos o exemplo de Abraão, que aparece como «paradigma do estrangeiro e do Deus-hospitalar. Abraão é aquele que calcorreia a terra, que rompe com a

²⁸³ Pagola, 130.

²⁸⁴ «A raiz [do vocábulo] “discípulo” significa “seguidor”; assim, os bons discípulos são, por lógica, seguidores dos mandamentos mais importantes do Senhor: amar a Deus com todo o coração e toda a alma e amar o próximo como a si mesmo». Chris Lowney, *Todos somos líderes* (Maliaño: Sal Terrae, 2018), 212.

²⁸⁵ Cf. Pagola, 130.

²⁸⁶ Pagola, 74.

²⁸⁷ Cf. Luciano Manicardi, *A caridade dá que fazer: atualização das obras de misericórdia*, (Prior Velho: Ed. Paulinas, 2016), 121.

idolatria e reproduz a experiência divina do acolhimento ao abrir a sua tenda aos forasteiros peregrinos»²⁸⁸. Num dia de muito calor, recebeu três viajantes, oferecendo-lhes água para lavarem os pés e pão para recuperarem as forças (cf. Gn. 18, 1-5). Este mesmo tratamento, encontramos no capítulo seguinte, em que Ló convidou dois viajantes estranhos a pernoitarem em sua casa, em Sodoma, cuidou deles e até os protegeu dos sodomitas que queriam abusar dos seus hóspedes (cf. Gn 19, 1-16). Vemos, assim, que nos são oferecidos muitos exemplos de hospitalidade aos viajantes, baseando esta, nas experiências de Israel como estranho na terra desconhecida.

No Novo Testamento, encontramos passagens onde Jesus é ele próprio o hospede, procurando, à semelhança do Antigo Testamento, «fornecer coordenadas societais, comportamentos e opções a observar em correspondência a uma prática cristã germinante»²⁸⁹, ao mesmo tempo que nos adverte para a importância da Igreja como a casa da hospitalidade cristã, tendo por base e centro Jesus, a sua mensagem e missão.

Na carta aos Hebreus, Paulo adverte para que «não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos» (Hb 13, 2). Os Evangelistas mostram-nos um Jesus que se

abre ao acolhimento do estrangeiro e da mulher cananea (Mc 7, 24-30) e do centurião romano (Mt 8, 5-13). Essa dinâmica está de acordo com a abertura provada pelas primeiras comunidades para com os não-judeus. Os Atos dos Apóstolos desenvolvem o tema dessa abertura apoiados na autoridade de Pedro, que reivindica como originária do próprio Deus (At 15, 5-35). Essa mensagem - profética por mais de uma razão - se exprime de diversas maneiras. Paulo anuncia que em Cristo "não há mais nem judeu nem grego; nem escravo nem livre" (Gl 3, 28), ao passo que Mateus faz do acolhimento do estrangeiro um dos critérios da vida evangélica: "Eu era um estrangeiro e vós me acolhestes" (Mt 25, 35). Nisso, o Novo Testamento prolonga e consagra uma tradição de acolhimento bem presente na Bíblia judaica²⁹⁰.

Podemos, então, dizer que a hospitalidade cristã é a história de Deus com o Homem, de onde brota uma nova história da Humanidade. Deus fez-se humano em Cristo, e é Nele que a Humanidade é chamada à divinização. Esta atitude de esvaziamento (kenosis), torna-se assim, num gesto de hospitalidade do Deus-amor, que se manifestou na encarnação e na cruz. Jesus Cristo acolheu-nos no amor, tirou-nos das trevas e da solidão, para nos colocar numa nova família, numa nova vida.

²⁸⁸ Freitas, colégio de paróquias, 241.

²⁸⁹ Freitas, 243.

²⁹⁰ André Wénim, *O Homem Bíblico. Leituras do Primeiro Testamento*. (São Paulo: Loyola, 2006), 113-4.

Lucas apresenta-nos vários relatos de hospitalidade, destacando a hospitalidade em casa de Levi (5, 27-32); a hospitalidade em casa de Simão (7, 36-50); a hospitalidade em casa de Marta e Maria (10, 38-42); a hospitalidade em casa de um fariseu (11, 37-54); a hospitalidade em casa de outro fariseu, num dia de sábado (14, 15-24); a hospitalidade na casa de Zaqueu (19, 1-10) e a hospitalidade no caminho de Emaús (24, 13-35), onde «rapidamente o hóspede revela a sua verdadeira condição e se assume como anfitrião»²⁹¹.

Nesta mesma sequência, também nas parábolas, Lucas faz referência a alguns momentos de hospitalidade, nomeadamente: a do bom samaritano, onde é acolhido um estranho e lhe dá hospedagem (10, 34-35); a da oração, onde o amigo importuno, que com insistência pede alimento (11, 5-8); a do pai misericordioso, que acolhe o filho mais novo com um grande banquete, depois de ter andado perdido (15, 22-24); e, temos ainda, onde se procuram gestos de conversão, ou seja a parábola do rico que não acolhe o pobre Lázaro junto à porta da sua casa (16, 19).

Nesta perspetiva bíblica e lucana, «a hospitalidade tem o poder de converter o inimigo em amigo»²⁹², ou seja, pela hospitalidade deveremos ser capazes de nos deixar abraçar, tocar e acolher para converter o inimigo em hóspede. Para além disto, a hospitalidade em Lucas, permite-nos uma referência vinculativa à casa (οἶκος), em todos os relatos de hospitalidade mencionados, com exceção de 7, 36-50. Uma vez que aqui, não fala de casa, mas apenas é mencionado o ato de comer, deduzindo, desta forma, que seja numa mesa e em casa²⁹³.

Desta forma, e como refere o teólogo João Correia,

assim como o encontro que Jesus provocou se traduziu em inesperadas atitudes e transformações, também na vida dos crentes, no horizonte das comunidades cristãs, graças à hospitalidade, a linguagem da fé e da vida se escrevem com um outro alfabeto, se interpretam segundo outra gramática e se escutam num outro registo e amplitude. E tudo isto a bem de cada crente, da comunidade em que se insere e da natureza missionária da própria Igreja²⁹⁴.

Neste mesmo sentido, também a hospitalidade e o acolhimento foram utilizados pelas primeiras comunidades para testemunhar a ressurreição de Jesus. O livro dos Atos dos Apóstolos mostra-nos que, com a pregação dos discípulos, crescia a cada dia a comunidade

²⁹¹ João Correia, «A hospitalidade na construção da identidade cristã. Uma leitura de Lc 24, 13-35 em chave hermenéutica», *Theologica*, 2.^a Série, 49, 1 (2014): 107.

²⁹² Josemar de Campos Maciel, «A Hospitalidade e a Revelação da Humanidade. Notas em Margem a um Pequeno Clássico», *Revista Hospitalidade* 16, n. 2 (2019): 121.

²⁹³ Cf. João Alberto de Sousa Correia, *A hospitalidade na construção da identidade cristã: uma leitura de Lc 24, 13-35 em chave narrativa* (Braga, Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia, 2013), 306-7.

²⁹⁴ João Correia, «A hospitalidade na construção da identidade cristã. Uma leitura de Lc 24, 13-35 em chave hermenéutica», 114.

cristã. O primeiro anúncio era feito sobretudo pelo testemunho de vida, contemplava a realidade e a situação do povo, promovendo, desta forma, uma proximidade, pois as «relações interpessoais são mais determinantes que a mensagem que se anuncia»²⁹⁵ e a vida do povo, estar com o povo, abeirando-se dos seus problemas era o ideal dos discípulos de Jesus, como nos diz Paulo: «fiz-me fraco com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de salvar a todos» (1Cor 9,22-23).

Devemos, então, ser, na Igreja, um lugar de acolhimento integral. O padre James Mallon utiliza a imagem da fotocopiadora para nos dizer como deve ser a Igreja. A fotocopiadora atrai para si o papel; isto é, a evangelização. Depois imprime, copia, agrafa e perfura. Refere-se assim ao discipulado (batiza, ensina e forma). De seguida, envia para o mundo. A Igreja, está no seu melhor quando vive este círculo: evangelizar e fazer discípulos²⁹⁶. Quando isto não acontece, quando a paróquia e as comunidades não evangelizam e fazem discípulos, é porque estão voltadas para si mesmas e aí, não cumprem com o seu grande chamamento em serem *lumen gentium*. E, ao padecerem deste esquecimento, parafraseando Mallon, tornam-se numa fotocopiadora sobreaquecida e encravada que está a um canto a acumular pó, acabando por ser esquecida²⁹⁷.

Neste processo de renovação, e para se recuperar o projeto de Jesus, devemos «dar atenção ao clima que se respira na paróquia, ao calor humano dos encontros e das celebrações, do modo de acolher os que se aproximam, das relações amistosas que se vão criando entre os membros da comunidade, da atitude respeitosa, próxima, alegre dos que animam os diversos aspetos da comunidade»²⁹⁸. Procedendo desta forma, uma comunidade cristã capaz de sair de si, capaz de acolher qualquer pessoa que nas mais diversas situações recorrem à paróquia, torna-se «um apoio decisivo para viver de modo mais humano, mais acompanhado, mais amável no meio de uma sociedade onde cresce a solidão, o isolamento, a vulnerabilidade, a frieza e o pragmatismo nas relações»²⁹⁹.

Desta forma, é então na paróquia que a Igreja vive a sua dimensão samaritana que acolhe e trata das feridas daqueles e daquelas que se cruzam no seu caminho. Também aqui, a resposta que Jesus deu ao Mestre em leis «vai tu também e faz o mesmo» (Lc 10,37) é dirigida a toda comunidade cristã na sua totalidade, com toda a riqueza das suas pessoas, tarefas e dons. Toda a paróquia está convocada a seguir o caminho de Jesus e chegar a “ser

²⁹⁵ José Manuel Cordeiro, *Celebrar o dom da Graça: Uma leitura litúrgico-espiritual da primeira carta de São Pedro* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 1ª edição, 2017), 72.

²⁹⁶ Cf. James Mallon, *Renovação Divina*, 23.

²⁹⁷ Cf. Mallon, 23.

²⁹⁸ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 163.

²⁹⁹ Pagola, 162.

boa samaritana” como Ele³⁰⁰. Não é sermos agradáveis para com os nossos amigos, ou com aqueles que se identificam conosco, mas sim «alcançar os estranhos»³⁰¹. Uma vez que a Igreja não é um clube, é a «única organização que existe essencialmente para o bem daqueles que não pertencem a ela (...) os clubes existem para o bem dos seus membros»³⁰².

Desta forma, Mallon propõe que para as paróquias serem verdadeiramente hospitaleira e acolhedoras, deverão começar por criar uma equipa de acolhimento, onde haja pessoas que tenham o cuidado de acolher em cada celebração, não esquecendo que estas devem ter um especial gosto em acolher quem chega, sendo necessário iniciar este ministério antes mesmo de as pessoas entrarem no edifício. Já no interior, é importante não descurar o sorriso, que não é simplesmente uma prática social, mas tem fundamentos teológicos, como nos diz a Sagrada Escritura «alegrai-vos sempre no Senhor!» (Fl 4,4), para além da recomendação do Papa Francisco, em que diz «um evangelizador não deveria ter constantemente uma cara de funeral» (EG 10), ou ter presente que “se Jesus esta no teu coração, por favor informa o teu rosto”³⁰³.

Por seu turno, Pagola, ainda que não pretendendo desenhar um ideal da ação pastoral, apresenta-nos o perfil de um estilo pastoral mais saneador³⁰⁴. Começa, o teólogo, por referir a autenticidade ou a “sinceridade comunicadora” no contato pessoal, uma vez que as pessoas autênticas criam climas de autenticidade sã e saneadora. É importante renunciar às aparências; viver na verdade e cultivar a qualidade das relações, pois Jesus ao aproximar-se dos enfermos, a primeira coisa que procurava era o contato pessoal. Acolher os que sofrem e aliviá-los deve ser sempre um dom. Então, a aproximação deve ser gratuita, ao estilo de Jesus que nunca procurava nada para si. E inspirado n’Ele, a única coisa que o deve preocupar, é ajudar aquele de quem se aproxima a viver melhor e de um modo mais sã e feliz.

À semelhança de Jesus, no que diz respeito à Sua aproximação e acolhimento para com as pessoas que sofrem, também na paróquia, os responsáveis devem utilizar o amor compassivo. A comunidade de Jesus, em vez de ser uma instituição que impõe uma moral, tem de ser anúncio da graça e da compaixão de Deus. Devem os responsáveis das paróquias e comunidades caminhar lado a lado das pessoas, ajudá-las a carregar o peso da vida, em vez de lhes colocar ainda mais pesos aos ombros.

³⁰⁰ Cf. Luciano Manicardi, *A caridade dá que fazer: atualização das obras de misericórdia*, 122.

³⁰¹ James Mallon, *Renovação Divina*, 102.

³⁰² Mallon, 101.

³⁰³ Cf. Mallon, 103-4.

³⁰⁴ Cf. Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 167.

Por fim, e uma vez que as comunidades cristãs não se alimentam só de palavras, mas também e sobretudo de gestos, estes devem ser curadores e que respondam às necessidades das pessoas. Há aqueles e aquelas que vivem sozinhos, isolados, esquecidos, incompreendidos, que necessitam ser escutados, de proximidade de calor humano, pessoas vulneráveis, enfermos, deprimidos que buscam alentos para enfrentar o dia a dia. Há pessoas que pelas mais variadíssimas razões, não são capazes de confiar em Deus; outras crentes, que lhes falta a paz interior; há-as ainda, que, afastadas da fé, procuram voltar para Deus sem saber onde acudir nem com quem contar.

São estas pessoas que (também) necessitam de ser acolhidas, são estas pessoas que necessitam de gestos curadores, são estas pessoas que têm um rosto concreto se sentam ao nosso lado e conosco participam das celebrações. São pessoas que necessitam de conhecer, no meio de nós, um espaço humano mais acolhedor com um clima mais fraterno, amistoso, crente e caloroso³⁰⁵.

3.5 Recuperar a esperança em Cristo, O Ressuscitado

Ainda que estejamos a viver tempos algo conturbados, tempos com algum desencanto e para muitos, a vontade e tentação de desistir e que se estende às comunidades, o Papa Francisco alenta-nos com mensagens de esperança e confiança. Ainda que «muitas vezes parece que Deus não existe: vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não cedem (...) é certo que, no meio da obscuridade, começa sempre a desabrochar algo de novo que, mais cedo ou mais tarde, produz fruto» (EG 276). Ainda que muitos de nós olhemos para um futuro anuviado, onde a crise, a injustiça, a indiferença, o terrorismo e a descrença predominam, devemos mesmo assim, olhar o mundo, onde a cada dia «renasce a beleza, que ressuscita transformada através dos dramas da história» (EG 276).

Este é, então, o momento oportuno de nos abirmos «à confiança, à esperança e à preparação dos novos tempos»³⁰⁶, de olhar o Ressuscitado, uma vez que só com a esperança em Deus que ressuscitou Jesus, podemos olhar e acreditar num futuro onde parece não haver futuro³⁰⁷. A esperança na ressurreição deve fazer-nos viver uma vida a olhar para o alto, seguindo o maior e melhor exemplo, que é Jesus Cristo.

A Igreja mais que um lugar de culto deve entender-se como um lugar de esperança, onde o ser cristão «não significa “ser adepto” de uma religião ou simplesmente pertencer a

³⁰⁵ Cf. Pagola, 169-70.

³⁰⁶ Pagola, *Voltar a Jesus*, 75.

³⁰⁷ Cf. Pagola, 75.

uma Igreja. É muito mais. É crer na realidade que começou com a ressurreição de Cristo»³⁰⁸. É comprometer-se, é perceber e viver o Evangelho com a consciência de estar a seguir Jesus. É «aprender a “despedir” o que já não evangeliza nem abre caminhos ao Reino de Deus (...) [é] abrir caminhos novos ao Evangelho de Jesus. [É] não ter medo de despedir o que está a morrer, mas promover o que está a germinar»³⁰⁹. É viver a esperança do Ressuscitado que se traduz em confessar a Jesus com a própria vida. É afirmar a ressurreição, tal como nos diz S. Paulo, «sem cessar e por toda a parte levamos no nosso corpo a morte de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo (...) Somos a toda a hora entregues à morte de pôr causa de Jesus, a fim de que também a vida de Jesus se manifeste na nossa carne mortal» (2 Cor 4, 10-11).

Todo o cristão, ciente do valor da ressurreição de Jesus para a sua fé e para a sua vida, não só pessoalmente como em comunidade, não o pode deixar na mesma. Ainda que bastante exigente, acreditar na ressurreição é extremamente transformador e libertador, levando-nos a testemunhar com a nossa própria vida o quão desafiante é seguir o Ressuscitado. Professar a ressurreição não nos pode deixar apáticos, inertes, indiferentes, sem alegria ou cabisbaixo. Se não vivermos a alegria da ressurreição, como poderão os outros querer conhecer e fazer experiência de Deus? Se não for capaz de me erguer, professando a ressurreição, como seremos capazes de erguer a vida dos que nos procuram, como poderão confiar em nos e no Ressuscitado?

Todo o ser humano e comunidades «que vivem a experiência pascal em toda a sua profundidade começam a entender Deus como um Deus que “ama a vida”, que a ama e defende apaixonadamente. Contagiam-se com a paixão de Deus pela vida, entram numa dinâmica de luta a favor da vida e de combate contra a morte»³¹⁰.

4. Uma proposta concreta – Pequenos grupos em ambiente doméstico

Ainda que nos dias de hoje a família, assim como outras instituições, tenha sido posta em questão pelas amplas, profundas e rápidas transformações da sociedade e da cultura, tal como a Igreja, também a família é um lugar favorável e propício para a participação do mistério da revelação de Deus, uma vez que têm uma missão comum. O Concílio Vaticano II, redescobrimo uma antiga expressão patrística (S. João Crisóstomo), intuío bem em considerar a família como «Igreja doméstica» (LG 11) ou o Papa João Paulo II na *Familiaris*

³⁰⁸ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 244.

³⁰⁹ Pagola, *Voltar a Jesus*, 77.

³¹⁰ Pagola, *Recuperar o projeto de Jesus*, 233.

Consortio, como uma «Igreja em miniatura» (49), pois é pelas famílias que a Igreja é edificada. Uma vez que, «é no seio da família que os pais são, pela palavra e pelo exemplo (...), os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada» (LG 11) (CIC n. 1656).

Assim, a família para além de ser uma realidade intergeracional é, também, uma realidade eclesial, lugar por excelência de santificação mútua, pois «o dever de santificação da família tem a sua raiz no batismo e a sua expressão máxima na Eucaristia, à qual está intimamente ligado o matrimónio cristão» (FC 57), uma vez que a família ao ser sinal e sacramento da presença do Deus Trindade, nesta Igreja doméstica, manifesta-se uma presença particular do mistério divino³¹¹.

Se, o Vaticano II diz que a família é «o santuário da Igreja em casa» (AA 11), e se a família exprime a natureza da Igreja, ela tem um papel capital onde se encontra, quer seja no bairro, na cidade, vila, paróquia, diocese ou nas culturas onde está inserida. A família é, desta forma, uma manifestação local, corporal, da comunhão eclesial.

Também, os bispos portugueses, no documento sobre a família, reforçam a doutrina do Papa João Paulo II, ao considerarem a família como

o espaço privilegiado de encontro com o amor, o primeiro lugar onde os filhos aprendem e interiorizam os valores perenes. É na família que eles, confrontados com o amor fiel e comprometido dos pais, descobrem o significado do dom generoso da própria vida, da partilha, do serviço, do diálogo, do perdão, da tolerância, da compreensão; é no ambiente familiar que eles, educados pela sensibilidade dos pais, aprendem a escutar e a interiorizar a Palavra de Deus e a responder com generosidade aos desafios de Deus; é na “Igreja doméstica” que eles, educados pela piedade dos pais, aprendem a importância da oração e da confiança incondicional no amor providente de Deus; é no enquadramento familiar que eles, despertados pela fé e pelo compromisso eclesial dos pais, tomam consciência da sua fé, do seu batismo, da sua pertença à Igreja e da sua missão no mundo³¹².

Desta forma, ainda que não haja “receitas pastorais” milagrosas para uma renovação das paróquias e das comunidades, apresentamos uma possível proposta de como nas nossas comunidades, mais concretamente num ambiente doméstico se pode concretizar aquilo a que

³¹¹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral «A família, esperança da Igreja e do mundo»*, n. 22. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-familia-esperanca-da-igreja-e-do-mundo/> (consultado a 18 de agosto de 2023).

³¹² Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral «A família, esperança da Igreja e do mundo»*, n. 54. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-familia-esperanca-da-igreja-e-do-mundo/> (consultado a 18 de agosto de 2023).

o Papa Francisco nos chama a viver: «uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria de Jesus» (EG 14).

Os “Grupos de Jesus” são uma proposta lançada em 2014 com a publicação do livro *Grupos de Jesus*. O seu nascimento é o resultado de uma convicção básica de que a «renovação evangélica da Igreja dependerá, em boa parte, do desenvolvimento de pequenos grupos que se comprometam a atualizar hoje a primeira experiência inicial que viveu junto de Jesus aquele primeiro grupo de discípulos e discípulas que ouviram o seu apelo e O seguiram³¹³.

4.1 Grupos de Jesus

Jesus responde ainda hoje às perguntas, aos problemas, aos anseios e às necessidades mais profundas do ser humano. Jesus e os Evangelhos são o centro destes grupos, para que haja uma aproximação, um envolvimento e se tornem presentes no dia a dia de cada um. Todas as pessoas podem fazer parte destes grupos, desde crentes a não crentes, praticantes a não praticantes, em que o único requisito é que em cada pessoa arda o desejo de se encontrar com Jesus, através da Palavra³¹⁴.

Então, o principal objetivo é caminhar juntos, num processo de conversão, que pode acontecer individualmente ou em grupo. Juntos, percorrem o caminho que os leva a conhecer Jesus e enraizar verdadeiramente a suas vidas na Sua Pessoa, na Sua mensagem e no Seu projeto para a construção de um mundo mais humano.

Orientados por um moderador que tem como tarefa «convocar os membros, assegurar que todos tomem parte dialogando amigavelmente, com respeito mútuo e de maneira positiva, que se escute o Evangelho e se crie um clima de oração e de conversão a Jesus, seguindo os diversos passos do encontro»³¹⁵. Este percurso está organizado em quarenta sessões que, por sua vez, se organizam em sete tópicos fundamentais: 1- Reunidos em nome de Jesus; 2- O caminho de Jesus; 3-A boa notícia de Deus; 4-Traços de Jesus; 5- Os grandes chamamentos de Jesus; 6- Chamados a seguir Jesus; 7- Enviados por Jesus Ressuscitado.

Guiados por Jesus e alimentados pelo Evangelho, estes grupos são chamados a atualizar no seio da Igreja e da sociedade do nosso tempo, o encontro com Jesus que viveram os primeiros discípulos e discípulas.

³¹³ Cf. Pagola, *Voltar a Jesus*, 133.

³¹⁴ Cf. José António Pagola, *Grupos de Jesus* (Lisboa: Paulus Editora, 2015), 5.

³¹⁵ Pagola, 5.

Estes grupos não pretendem substituir outros grupos pastorais ou catequéticos já existentes, pelo contrário. Durante todo o percurso, que dura quatro a cinco anos, vivem um processo de conversão e continuam comprometidos com os grupos onde já estão inseridos. Os grupos de Jesus são um espaço de conversão e em momento algum pretendem alcançar poder ou prestígio, a vida dos grupos de Jesus permanece “escondida” e, como que fermento «preparam com paciência a conversão que necessita a Igreja de Jesus»³¹⁶. Este processo de conversão, não tem o intuito de corrigir diretamente um ou outro aspeto menos positivo na vida de cada um,

trata-se de voltar a Jesus para nos deixar transformar por Ele, renascendo para uma vida nova; entrar no coração do Evangelho para aprender a viver do Espírito de Jesus. É, portanto, uma conversão que se centra no essencial: purificar e reavivar a qualidade da nossa adesão a Cristo; recuperar a nossa identidade cristã de discípulos e seguidores de Jesus; descobrir com Ele e n’Ele o verdadeiro rosto de Deus, Pai, Amigo e salvador da Humanidade; entrar na dinâmica do reino de Deus inaugurado por Jesus; aprender a interiorizar as grandes atitudes de Jesus³¹⁷.

Nestes grupos há a convicção de que, em qualquer cultura e em qualquer época, Cristo tem força e atração para gerar adesão e seguimento. Aqui poderão viver a experiência de ser gerados pela fé, aprender a viver a fé não por obrigação, mas por atração, não como dever, mas como seguimento.

Ao longo do percurso, os membros dos grupos de Jesus irão perceber que não é possível seguir Jesus sem se identificarem com o projeto do Reino de Deus, que os levará a tornar o mundo mais sã, mais justo, solidário e feliz, que os levará a comprometer em três grandes tarefas: curar a vida sanando feridas, sofrimentos; aproximando-se dos mais desfavorecidos, pobres esquecidos e trabalharem por uma sociedade mais acolhedora, onde os mais fracos, os marginalizados não sejam esquecidos.

Como estes grupos não nascem para viver centrados e encerrados em si mesmos, nascem, vivem e crescem com o intuito de fazer erguer dentro da Igreja uma conversão radical a Jesus Cristo, determinados também, a trabalharem no projeto humanizador do Pai, para que este permaneça operante em cada coração, paróquia, comunidades e instituições.

É importante que nestes grupos haja um duplo compromisso, ou seja, que os seus membros se comprometam a preparar o melhor possível o encontro, uma vez que para alcançar o objetivo final é muito importante o “trabalho de casa”. Um segundo compromisso é

³¹⁶ Pagola *Voltar a Jesus*, 137.

³¹⁷ Pagola, 139.

o de tomar parte ativa no encontro, participado mais ou menos ativamente, mas importante que sejam todos a construir o grupo³¹⁸.

«Estes grupos trabalham a sua própria conversão sem vontade de protagonismo, sem espírito de confronto e sem responderem com atitudes antievangélicas na Igreja»³¹⁹. Não obstante, são grupos que não caem na passividade, são grupos que «constroem a Igreja»³²⁰, uma vez que «a Igreja de Jesus está a nascer onde se acolhe o seu espírito, onde o Evangelho é acolhido a partir dos sofrimentos, interrogações e contradições do mundo atual. Uma Igreja que, ao estar mais enraizada em Jesus, pode atrair hoje os que procuram uma vida com mais sentido, dignidade e esperança»³²¹.

Nestes grupos cria-se um clima de hospitalidade e fraternidade, todos são acolhidos e ninguém é superior a ninguém, todos convivem como seguidores e discípulos de Cristo, todos estão em igualdade, homens e mulheres, presbíteros e leigos, crentes mais fervorosos ou aqueles que ainda estão em busca. E como se sentem “um só Corpo em Cristo”, os membros dos grupos de Jesus não se distanciam, mas vivem ativamente nas paróquias ou comunidades, onde podem viver uma experiência de comunhão viva e real.

Para se iniciar estes grupos não é necessária a presença de um presbítero, são os leigos que se podem sentir chamados a concretizar o seu compromisso de batizado e evangelizador e assim construir e monitorizar o grupo.

Uma vez que a paróquia não é o único lugar eclesial, sugerimos que estes encontros aconteçam, à semelhança das primeiras comunidades, em casas particulares, em ambiente familiar ou de vizinhança, com uma periodicidade que é definida pelo próprio grupo. No final da caminhada, ou seja, no final das quarenta sessões o grupo pode terminar, mas não sem antes haver um compromisso de no futuro se reunirem para escutar juntos o Evangelho, por outro lado pode ainda continuar permanecendo juntos e integrando as atividades da paróquia, ou constituírem como uma equipa de evangelização e irem as periferias, ao encontro dos marginalizados, das crianças e idosos, famílias em crise ou imigrantes, fazerem circular o Evangelho. É assim, desta forma, que respondem ao que o Papa Francisco chama de «um dinamismo evangelizador que atua por atração» (EG 131).

³¹⁸ Cf. Pagola, *Grupos de Jesus*, 10.

³¹⁹ Pagola, *Voltar a Jesus*, 142.

³²⁰ Pagola, 142.

³²¹ Pagola, 142.

CONCLUSÃO

“Sr. bispo e caros padres, a minha paróquia está morta. Para quê tantos discursos e reuniões quando a minha paróquia, volto a dizer, está morta.” Esta, foi a intervenção de uma senhora que participava numa reunião numa diocese portuguesa, onde se faziam reflexões sobre como viver a fé nos dias de hoje e como dinamizar a Igreja³²².

Não é somente o Papa Francisco que reclama uma Igreja viva, os fiéis também desejam participar de uma Igreja onde se sintam bem, participativos, acolhidos.

Ao longo desta dissertação fizemos uma breve análise da situação em que vive a Igreja, nomeadamente as paróquias. Nela, podemos observar, que é realmente importante e urgente cedermos ao pedido do Sumo Pontífice e colocar em marcha o seu sonho missionário de uma inadiável renovação eclesial.

Esta renovação é possível! Se recuperarmos o mandato missionário de Jesus «Ide, fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quantos vos ordenei» (Mt. 28, 19-20a), é possível que a “fonte” da paróquia possa voltar a saciar a sede aos seus fiéis.

Se esta renovação eclesial passa pela paróquia, poderá passar também pela preocupação em fazermos das casas domésticas um lugar onde nasçam verdadeiros discípulos missionários. Para fundamentar esta afirmação, assumimos as palavras do Papa Francisco na sua Exortação Apostólica, onde refere que a paróquia «não é uma estrutura caduca», pelo contrário, «possui uma grande plasticidade» que lhe possibilita «assumir formas muito diferentes», sem nunca deixar cair a sua verdadeira identidade e para aquilo que ela foi criada, evangelizar e fazer discípulos, o que «supõe que esteja realmente em contacto com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos» (EG 28). Esta Exortação, enquanto um convite, é também uma chamada de atenção e um alerta para não cruzarmos os braços e nos deixarmos cair no comodismo, ignorando ou deixando as coisas como estão, e propõe uma revisão da situação atual.

Portanto, uma convocação de ordem imperativa para uma maior ousadia na Igreja no que concerne à missão e evangelização. Um apelo a entrar num «estado permanente de missão» (EG 25), ser fermento de Deus no meio da Humanidade. Ser um ambiente onde se encontre: acolhimento, ternura, compaixão, gratuidade e amor incondicional pelos

³²² Cf. 7MARGENS – jornal digital de religiões, espiritualidades e cultura, de 16 junho 2023. <https://setemargens.com/a-minha-paroquia-esta-morta/>. [consultado a 22 de junho de 2023].

“pequenos” do Reino, para que se sintam acolhidos, amados e fortalecidos pela força do Evangelho (Cf. EG 114).

Por seu turno, José António Pagola na mesma linha, ajudou-nos a perceber que, é voltando a Jesus, é recuperando o Seu projeto e caminhar numa vida cristã mais inspirada e comprometida com Ele que este processo de renovação poderá ser colocado em marcha.

Nos dias de hoje, pode parecer um contrassenso propor o caminho do seguimento a Jesus. Contudo, aquilo que está em causa não se trata de fazer o que Jesus fez, mas sim recuperar o encanto, a alegria que havia nas primeiras comunidades em anunciar o Evangelho, o ardor e a audácia, a profecia dos primeiros seguidores, tornando a Humanidade embebida pelo Reino de Deus.

O testemunho pessoal e comunitário, nesta sociedade hodierna, tão carente de sólidas referências, adquire um valor excepcional. É preciso reagir! Precisamos, cada vez mais de pessoas que percam o medo, de pessoas que sejam capazes de lutar contra aquilo que mata o ser humano, tanto fora com dentro da igreja. Se formos estas pessoas, capazes de nascer e alimentarmo-nos da experiência do Ressuscitado, e nos convertermos a este Deus que está constantemente a chegar às nossas vidas, seremos capazes de modificar a nossa forma de pensar e agir e entrar na «lógica dinâmica do reino de Deus»³²³.

Não nos podemos encerrar em nós, não podemos viver somente os nossos próprios interesses, ou até mesmo a nossa própria “religiosidade”, temos de fazer um amadurecimento da nossa fé cristã, onde somos chamados a servir com os nossos próprios dons, tornarmo-nos acolhedores do Evangelho e discípulos missionários, fazendo com que Jesus, a Sua Mensagem e o seu Evangelho, ocupem o centro. Sendo Ele quem convoca, Ele nos há-de encorajar a este processo de conversão e renovação.

Reconhecendo que «o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não deu suficientemente fruto» (EG 28), oxalá saibamos corresponder ao que o Espírito Santo espera de cada um de nós, pedindo-Lhe “que venha renovar, sacudir, impelir a Igreja numa decidida saída de si mesma a fim de evangelizar todos os povos” (EG 261).

³²³ Pagola. Voltar a Jesus, 97

BIBLIOGRAFIA

AA. VV., *Congresso Paróquia evangelizadora*. Madrid: Edice, 1989.

Abreu, Adelino Fernando. «A paróquia na história Elementos para uma visão de conjunto». *Humanística e Teologia*. 39:1, 2018.

Aguirre, Rafael. *Del movimiento de Jesus à la Iglesia cristiana. Ensayo de exésis sociológica del cristianismo primitivo*. Bilbao: Deselee de Brouwer, 1987.

Almeida, António José de. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009.

Andres, Miguel Paya. *A paróquia, comunidade evangelizadora*. Agueda: Artipol, 1990.

Augé, Matias. *Liturgia. História, celebração, teologia, espiritualidade*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2005.

Augé, Marc. *Les sens des autres. Actualité de l'anthropologie*. Paris: Fayard, 1994.

_____. *Não-lugares: uma introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Lisboa: letra livre, 2022.

Asolan, Paolo. *Il pastoral in una Chiesa Sinodale. Una ricerca odegetica*. Treviso: San Liberale, 2005.

Bauman, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Bacq Philippe e Christiph Theobald. *Uma nova oportunidade para o Evangelho*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.

Bigote, J. Quelhas. *Problemas de pastoral*. Guarda, 1961.

Bo, Vincenzo. *La parroquia, pasado y futuro. Analisis de una situacion y líneas de solucion*. Madrid: Paulinas, 1978.

Borras, Alphonse, e Gilles Routhier. *A nova Paróquia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2010.

Brighenti, Ageno. *Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora. Iniciação à Teologia*. Petrópolis: Vozes, 2021.

Carlos, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

Cavalcanti, J. B. *Mulheres nos cristianismos Paulinos*. Rio de Janeiro: Kliné, 2021.

Codex Iuris Canonici 1917 [online]: <http://www.intratext.com/X/LAT0813.HTM>.

Conferência Episcopal Portuguesa. *Sínodo 2021-2023 documentos e orientações*. Lisboa: Gráfica Almondina, 2022.

Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral «A família, esperança da Igreja e do mundo»*, n. 54. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/a-familia-esperanca-da-igreja-e-do-mundo/>

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

Congar, Yves Marie. *Esta Igreja que eu amo*. Lisboa: união gráfica, 1969.

Congregação para o clero. *Instrução. A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão*. http://www.clerus.va/content/dam/clerus/Dox/Istruzione2020/Instrucao_PT.pdf

Cordeiro, José Manuel. *Celebrar o dom da Graça: Uma leitura litúrgico-espiritual da primeira carta de São Pedro*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 1ª edição, 2017.

Correia, João Alberto de Sousa «A hospitalidade na construção da identidade cristã. Uma leitura de Lc 24, 13-35 em chave hermeneutica», *Theologica*, 2.ª Série, 49, 1 (2014).

_____. *A hospitalidade na construção da identidade cristã: uma leitura de Lc 24, 13-35 em chave narrativa*. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia, 2013.

Corti Renato e Enzo Bianchi. *A Paróquia*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2006.

Coutinho, Sérgio Ricardo, «A paróquia e um conceito “forte” de comunidade: uma compreensão pela sociologia e pela pastoral», *Encontros teológicos* n.º 65 (2013), 51-63.

Duque, Eduardo. *Mudanças culturais, mudanças religiosas. Perfis e tendências da religiosidade em Portugal numa perspetiva comparada*. Vila Nova de Famalicão: Edições Humus, 2014.

Editorial. «Cristianismo fragmentado. Perspetiva Teológica», [S. l.], v. 28, n. 75, p. 149, 1996. <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/922>.

Fernandes, José Manuel. «Origem e história da paróquia». *Cadernos ISTA*, Instituto São Tomás de Aquino, n.º 34, 2017, Ano XXII.

Ferreira, S. P. «Paróquia e corresponsabilidade do leigo. Atas das Jornadas de Direito Canónico», in *Lusitana Canónica* 15, (2010).

Franciscus. «Adhortatio Apostolica "Evangelii Gaudium"». AAS 105 (2013): 1019-1137.

_____. «Litterae Encyclicae "Laudato Si'" de communi domo colenda» AAS 107 (2015): 847-990.

_____. «Litterae Encyclicae "Lumen Fidei"». AAS 105 (2013): 555-1018.

Floristán, Casiano. *Conceptos Fundamentales de Pastoral*. Madrid: ed. Cristandad, 1983.

_____, *Para compreender: A Paróquia*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1995.

_____, *Teologia Practica, Teoria y Praxis de la accion pastoral*. Salamanca: Sigueme, 1993.

Freitas, Tiago. *Colégio de Paróquias. A paróquia em tempos de mobilidade*. Prior velho: Paulinas Editora, 2018.

Granados Temes, Álvaro. *Identidad y método de la Teología Pastoral, Ocho protagonistas del debate contemporâneo*. Valencia: Edicep, 2010.

Giddens, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

Guardini, Romano. *O Espírito da Liturgia*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

Halík, Tomáš. *O tempo da Igrejas vazias*. Prior velho: Edições Paulinas, 2020.

_____. *Ser católico hoje*. Prior velho: Paulinas Editora, 2022.

Ioannes Paulus II. «Adhortatio Apostolica Post-Synodalis "Christifideles Laici"». AAS 81 (1989): 393-521.

_____. «Exortação Apostólica Pós-Sinodal "Familiaris consortio. Sobre a função da família cristã no mundo de hoje"». AAS 74 (1982): 81-191.

Jornal 7MARGENS – jornal digital de religiões, espiritualidades e cultura, de 16 Junho 2023. <https://setemargens.com/a-minha-paroquia-esta-morta/>.

Lamelas, Isidro Pereira. *Os espaços litúrgicos dos primeiros cristãos. Fontes literárias dos primeiros quatro séculos*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.

Lianos, Mario Oscar. *Pastoral Vocacional na Nova Evangelização* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2014).

Lima, J. S. *Teologia Prática Fundamental*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

Lohfink, Gerhard. *La Iglesia que Jesus queria. Dimensión comunitaria de la fe cristiana*. Bilbao: Desclee de Brouwer, 1986.

Lourenço, Manuel. «A paróquia: perspectiva histórico jurídica», in a paróquia comunidade de fiéis – atas da Xi jornadas de direito canónico. Lisboa, (2003).

Lopes, Otilia Cerveira. *Acolhimento pastoral paroquial*. Praxis Pastoral. Lisboa: Paulinas Editora. 1995.

Lopez, Martin J. *En el Espirituny la verdade. Introducción teológica a la liturgia*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1993.

Maciel, Josemar de Campo. «A Hospitalidade e a Revelação da Humanidade. Notas em Margem a um Pequeno Clássico», Revista Hospitalidade 16, n. 2 (2019).

Mallon, James. *Renovação Divina*. 2a. Lisboa: Paulus Editora, 2019.

Manicardi, Luciano. *A caridade dá que fazer: atualização das obras de misericórdia*. Prior Velho: Ed. Paulinas, 2016.

Matteo, Armando. *A primeira Geração Incrédula – A difícil relação entre os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2010.

_____. *Converter Peter Pan. O destino da fé na sociedade da eterna juventude*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2022.

Matias, J. Calmeiro. *Renovação paroquial e missão da Igreja*. Porto: Editora Perpétuo Socorro, 2002.

Melo, Francisco. *A paróquia tem futuro? Para uma paróquia geradora de quotidiano cristão em Aveiro – Do II sínodo Diocesano aos nossos dias*. Aveiro: Tempo Novo Editora, 2017.

Miranda, Mário de França. «A Igreja como povo de Deus», Revista de Cultura Teológica Ano XXI No 81 (Jan/Jun 2013).

Nunes, José. *Os movimentos na cidade. O espírito na cidade. Semana de estudos teológicos*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2005.

Oriolo, E. «A revitalização das paróquias». Revista Encontros Teológicos, 28,2. (2016). <https://doi.org/10.46525/ret.v28i2.148>

Pagola, José António. *Grupos de Jesus*. Lisboa: Paulus Editora, 2015.

- _____. *Recuperar o projeto de Jesus*. Lisboa: Paulus Editora, 2016.
- _____. *Voltar a Jesus. Para renovação das paróquias e comunidades*. Lisboa: Paulus Editora, 2015.
- Paulus VI. «Decretum de Apostolatu Laicorum "Apostolicam Actuositatem"». AAS 58 (1966): 837-864.
- _____. «Adhortatio Apostolica "Evangelii Nuntiandi"». AAS 68 (1975): 5-76.
- Paredes, José Cristo R. G. *É possível outra comunidade, sob a liderança do espírito*. Prior Velho: Paulinas editora, 2018.
- Pelino, Manuel. «A paróquia como espaço de evangelização», *Communio* 1, (1990).
- Pinho, José Eduardo Borges. «Critérios de comunhão e construção da comunidade», *Didaskalia*, XXXIII (2003).
- Prisco, José San José. *Derecho Paroquial. Guia canónica y pastoral*. Salamanca: Sígueme, 2008.
- Pons, Ramón Prati. *Teologia Pastoral. Compartilhe a alegria da fé*. Salamanca: Ed. Secretariado Trinitario, 1997.
- Radcliffe, Timothy op. *A promessa de vida. Cartas à Ordem Dominicana*. Lisboa, 1998.
- Ribeiro, António. «Paróquia para o homem de hoje», *Lumen revista de doutrinação e informação eclesial*. Ano 50 serie II n.º 8 e 9, (1989).
- Rogers, Carl. *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Padrões culturais Editora, 2009.
- SÀ, Maria Teresa Salgueiro de Vasconcelos e «Lugares e não-lugares em Marc Augé». *Artitextos*. Lisboa: CEFA; CIAUD. ISBN 978-972-97354-7-9. N.º 3 (Dez. 2006), p.179-188.
- _____. «Lugares e não lugares em Marc Augé». *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 26, n. 2, 209-229.
- Svetsitskaya, Irina. *Os primeiros Cristãos. Páginas de História*. Lisboa: Editorial caminho, 1989.
- Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Constitutio Dogmatica de Ecclesia "Lumen Gentium"». AAS 57 (1965): 5-71.

Sacrossanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. «Decretum de Activitate Missionali Ecclesiae "Ad Gentes"». AAS 58 (1966): 947-990.

Sandrin, Luciano. *Teologia pastoral. Lo vio e no pasó de largo*. Madrid: Sal Terrae, 2015.

Santos, Roger Matheus. «Evolução histórica da paróquia sob a ótica do Pároco», in *Teologia em Questão*, 1ª série, 31, 2017.

Teixeira, Alfredo. «A paróquia como «lugar»: estilos de vida paroquial». *cadernos ISTA*, Instituto São Tomás de Aquino, n.º 34, 2017, Ano XXII.

Trentin, G. «Movimenti ecclesiali tra fede e storia. Apud: I movimenti ecclesiali: esperienza e teologia», *«Credere Oggi»*, 5 (1983), pp. 46-55.

Valero, Daniel Palau, *Inteligencia pastoral. Ejes para una reflexión teológica*, Pastoral. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2018.

Vanier, Jean. *A comunidade lugar do perdão e da festa*. Sacavém: Edições Paulistas, 1986.

Villaça, Helena. «A religião na cidade: territórios, materialidades e comunicação» *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número Temático - Processos sociais e questões sociológicas, (2017) pp. 12-27.

Vilhena, J. «Da cidade onde vivemos a uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade», *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XV(2002).

Viola, F. e Barna, G. *Cristianismo pagão: origens e práticas da nossa igreja moderna*. 2005.

Rogers, Carl. *Tornar-se Pessoa*. Lisboa: Padrões Culturais Editora, 2009.

Sobrino, J. *Evangelización e Iglesia en América Latina*. ECA, 1977,

Taveira Alberto. *Discernimento dei carismi: alcuni criteri pratici. In: Pontificium Consilium pro Laicis. Pastori e Movimenti Ecclesiali*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009.

Wénim, André. *O Homem Bíblico. Leituras do Primeiro Testamento*. São Paulo: Loyola, 2006.

Zygmunt, Bauman. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.